



Adriana Montenegro . Alê Silva .
 Aletheia Daneluz . Ana Angelim . Ana Cristina Teixeira .
 Ana Luiza Mello . Ana Schieck . Anderson Tibau . André Sheik . Andres Papa .
 Angela Mello . Andre Metello . Augusto Herkenhoff . Bahie Banchik . Bel Mota . Benjamin Rothstein .
 Bosco Renaud . Carmen Givoni . Celia Gimenez . Celina Nolli . Celso Adolfo . Cerise E . Cesar Paes Barreto .
 Chica Granchi . Cildo Meireles . Claudia Tebyriçá . Claudia Watkins . Conceição Durães . Cunha Bocayuva .
 Daniela Veronesi Deboni . Daniele Bloris e Andrea Estevão . Débora Carneiro da Cunha . Deborah Costa . Denise Araripe .
 Denize Torbes . Dora Portugal . Edwiges Barros . Fernando Brum . Galvão Jr . Gilda Lima . Graça Pizá . Hortensia Pecegheiro .
 Ilda Fuchshuber Falacio . Iraceia Oliveira . Isabela Bentes . Isabella Marinho . Isis Braga . Jacqueline Adam . Jarbas Paullous . João Saboia .
 Jorge Cerqueira . Jorge Duarte . José Carlos da Rocha . Lando Faria . Lena Tejo . Lenn Cavalcanti . Lennart . Let Cotrim . Lia do Rio .
 Liana González . Liane Briand . Lucas Giannini . Lucia Lyra . Luciane Villanova . Ludmila Muller Leal . Luiz Norões . Marcia Cavalcanti .
 Marcio Fonseca . Maria Cecília Leão . Maria Verônica Martins . Mariza Vescovini . Marta Bonimond . Mauricio Tassi Ferreira . Mauricio Theo .
 Miguel Hijjar . Miro PS . Nilton Pinho . Noemi Ribeiro . Pedro Grapiúna . Ranieri Mazzilli . Regina Moura . Roberta Salgado . Roberto Negri .
 Robinson Oliveira . Rosana Siqueira . Rosângela Soares Pinto . Rose Aguiar . Rose Nobre . Rossana Gobbi . Ryam Paès . Salazar Figueiredo .
 Sandra Macedo . Sissi Kleuser . Sonia Xavier . Tania Andrade . Teresa Coelho . Teresa Stengel . Thelma Innecco . Vania Pena C .
 Vânia Vica . Vicente Duque Estrada . Vilma Lima . Wally Km Amarü . Zoravia Bettiol .

ZAGUT

Abertura
 10 Julho às 19h
 2021

Exposição
 virtual permanente
www.espacozagut.com

ZAGUT

Direção Geral Zagut: Isabela Simões e Augusto Herkenhoff

Texto Zagut: Isabela Simões

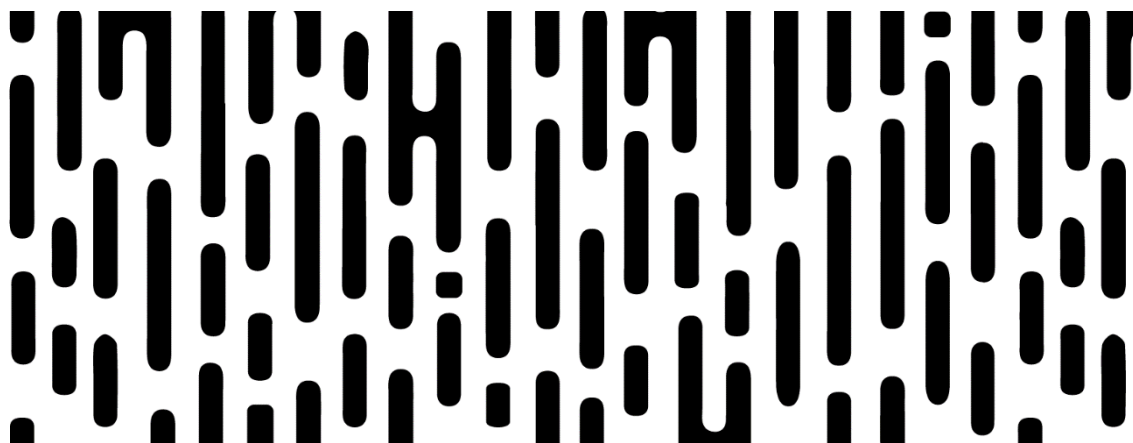
Ensaaios críticos: André Sheik; Carlos Taveira

Conteúdo, comunicação e imagem: Helen Pomposelli

Edição dos vídeos: Vicente Duque Estrada e Mauricio Theo

Imagem da capa: Fernando Brum

Arquitetura de montagem galeria virtual: Leonor Azevedo, Isabela Simões.



DINHEIRO E ARTE

Trocas começam desde os primórdios do ser humano. Diversos tipos de moedas foram se formando. E a sua importância vem sendo um assunto recorrente na humanidade, no dia a dia das pessoas simples, nas conversas das rodas de gente abastada, nos escritos dos grandes pensadores, nas guerras entre povos.

O emprego da ideia do dinheiro, de forma explícita ou simbólica, na arte, tem ocorrido na obra de muitos artistas, há muito.

Rembrandt com seus espetaculares claro-escuros retratou um homem trocando moedas, em 1627, hoje exposto na Gemäldegalerie de Berlim.

Andy Warhol nos anos 60, trabalhou com a representação de cédulas de um dólar impressas em silkscreen, e em 81 volta a trabalhar com o tema, com o símbolo do cifrão.

For the love of God, de Damien Hirst, é uma obra com valor estimado de 100 milhões de dólares, que custou 24 milhões de dólares para a sua elaboração.

Bill Drummond e Jimmy Cauty queimaram inúmeras notas de 50 libras durante uma hora, fizeram um filme dessa performance.

Yves Klein fez sua obra “Zonas de Imaterial Sensibilidade Pictórica”, jogando uma parte do ouro que recebia por ela (única forma de pagamento da mesma) na água do Sena ou do mar.

Uma artista contemporânea e bem jovem, espanhola, Mari Cañete, realiza suas obras em notas de euro.

Jac Leirner, em suas incursões sobre medição do tempo, utiliza cédulas de moedas já ultrapassadas em sua obra, para caracterizar o fato.

Rubem Grilo, condizente com sua postura de questionamentos, faz gravura em formato de cédula de dinheiro, entre diversas críticas, coloca “capitale” e “labore” na mesma, e a nota com o número 100 vem escrita “sem” cruzeiros.

Aloisio Magalhães fez as cédulas de cruzeiro após vencer um concurso fechado da casa da moeda do país, colocando importantes elementos da cultura brasileira em seu próprio dinheiro (Jardim Fº).

Cildo Meireles vem trabalhando nessa linha há décadas, brincando com o valor do dinheiro, segundo o artista: “esse gap entre valor simbólico e valor real, valor de uso e valor de troca, que em arte é sempre uma operação contínua, permanente”. Com seus Zero dollar (em 1969 e depois de 1978 a 84), Zero cruzeiro (de 1974 a 1978), Zero centavo. Estão representados na nota de Zero cruzeiro um paciente de um hospital psiquiátrico fotografado pelo artista e um personagem indígena Krahô sobrevivente de um massacre sofrido pela tribo do

retratado, realizado a mando de fazendeiros, documentação recuperada pelo pai do artista que era indigenista (Jardim Fº).

Em entrevista o artista afirma: "...Árvore do Dinheiro (1969) aponta para a questão do valor do objeto de arte e o desfaz entre valor de uso e valor de troca. Associa-se metaforicamente a Eureka/Blindhotland pelo conceito de densidade: o que é e o que parece ser". E continua: "Os Zeros (1974-76) são uma demonstração da Árvore do Dinheiro. Fica essa ambiguidade de ser matéria e símbolo (no caso do Brasil, o dinheiro foi o material mais barato em certa época)". (SCOVINO, 2009, p. 118).

Esta exposição é uma proposta à reflexão que esse tema trouxe aos artistas e seu impacto na nossa sociedade. São muitos os caminhos percorridos, pensados, vividos, sonhados, um convite.

Referências bibliográficas:

Airton Jordani Jardim Filho. ALOISIO MAGALHÃES, CILDO MEIRELES E O (ZERO) CRUZEIRO: A IDENTIFICAÇÃO DO FENÔMENO DA BIVOCALIDADE A PARTIR DA LEITURA DIALÓGICA DE IMAGEM. Disponível em: https://www.udesc.br/arquivos/ceart/id_cpmenu/8561/CildoAloisioBakhtinSeminarioLeituraDelmagem_15873157079616_8561.pdf

<https://plastico.blogfolha.uol.com.br/2015/03/21/jac-leirner-mede-o-tempo-em-charjah/>

<https://i.pinimg.com/originals/6c/6c/c7/6c6cc766e1f168a6932d9196db97053f.jpg>

<https://www.tate.org.uk/art/artworks/warhol-dollar-sign-ar00502>

Dinheiro, pra quê dinheiro?

Certa feita, ouvi do artista e professor David Cury a seguinte sentença: “– Só duas coisas desautorizam o dinheiro: o amor e a arte.” O que me faz lembrar a música de Tim Maia: “Quando a gente ama, não pensa em dinheiro, só se quer amar.” Alguns artistas somos românticos.

Há muitos trabalhos de arte que utilizam o dinheiro, seja temática ou materialmente. Alguns deles desprezam o capital. Ou tentam. Uns desses foram vendidos por uma bela soma.

Quando começaram, exatamente, as relações entre dinheiro e arte, não sei precisar. Seria necessário, antes, estabelecer uma definição de arte, o que não me atrevo a fazer. Desde o tempo das cavernas, possivelmente, havia trocas materiais (uma pele por um pernil, quem sabe?), mas, que se conheça, não uma moeda. Se dissermos que as pinturas feitas nas paredes naquela época eram arte, então esta veio antes do dinheiro.

No século I a.C., o imperador romano Augusto difundia sua imagem em moedas cunhadas com seu rosto, o que atesta o uso político do desenho em relevo (considerado uma forma de arte). Hoje, as notas de papel-moeda servem de suporte para variadas expressões, sejam feitas por artistas ou por anônimos. Para se produzirem notas e moedas, é necessário um grupo de artistas trabalhando.

Resumindo vários séculos rapidamente, a coisa foi mais ou menos assim no chamado mundo ocidental: durante um período, as obras foram bancadas pelas religiões, depois – e até concomitantemente – por nobres. Veio a burguesia e passou a encomendar obras e a pagar por elas. Em seguida, o artista começou a produzir sem destinação específica e a ter mais dificuldades para vender. Ao longo do tempo, o financiamento e o dinheiro circularam por mecenas, reis e rainhas, patronos, governos, galeristas e uma infinidade de áreas de atuação (algumas delas ainda existentes)...até chegar à queridinha do momento: as NFTs (de maneira simplificada: a venda certificada eletronicamente de uma obra de arte digital).

Usualmente, o artista é o elo mais frágil dentro do sistema de arte, pois nem sempre é remunerado, a maioria não sobrevive exclusivamente da venda de suas obras. Nos Estados Unidos da América, país onde o sistema de arte é bem mais estruturado do que no Brasil, apenas 10% dos artistas vivem única e exclusivamente da venda de seus trabalhos, os demais necessitam exercer outra atividade para sua subsistência. Ao longo da História da Arte, em diversos períodos, são frequentes os casos de artistas com extrema dificuldade em exercer sua atividade de maneira que permita um sustento mínimo.

O topo da pirâmide é estreito, poucos estão lá. Há artistas que se dão ao luxo de escolher para quem vender seus trabalhos, outros que, a princípio, não querem receber dinheiro por eles. A precificação de uma obra de arte é uma operação complexa. Para o artista Cildo Meireles, autor de emblemáticas obras com dinheiro, “A arte é prostituta. Ela está onde o dinheiro está.” Eu diria que nem sempre, nem sempre... Ainda que o capitalismo excitado tenda a transformar tudo em mercadoria.

Há muitos tipos de arte, de artistas, de mercados e de consumidores de arte. Existem artistas que literalmente queimaram dinheiro, outros, suas obras. Houve um que vendeu quadros idênticos por preços diferentes, bem como jogou ouro em um rio como parte de um trabalho de arte. Dizem que o dinheiro não aceita desaforo. Agora, se alguém quer fazer fortuna tendo arte como investimento especulativo, é bom saber que só 5% das obras arrematadas em leilões geram lucro.

Eu poderia mencionar, aqui, a produção de artistas estrangeiros que abordam o assunto, todavia prefiro falar de alguns brasileiros – não presentes nesta exposição – que trataram do vil metal e cujos trabalhos me marcaram. André Parente mandou cunhar moedas com a estampa de figuras desprezíveis da política brasileira; Franklin Cassaro fez o dinheiro em cubos voar enjaulado, como passarinhos, e também construiu um pequeno abrigo com notas; Guga Ferraz desenhou máscaras cirúrgicas sobre os rostos das figuras de notas de diversos países durante a pandemia de Covid-19; Rodrigo Torres produziu uma espécie de mosaico com suas colagens com cédulas recortadas de várias partes do mundo; Victor Arruda exibiu um neon em um barco, ao largo da feira carioca de arte, uma “homenagem às vítimas do dinheiro”; Roosivelt Pinheiro tem um

trabalho que aumenta de valor assim que uma obra de arte bate recorde internacional de preço de venda, aí ele coloca o seu custando um dólar mais caro.¹

Talvez – mas só talvez – não se possa medir a remuneração dos artistas apenas monetariamente. Algum ganho, provavelmente diriam os psicanalistas, hão de ter fazendo arte aqueles que não recebem dinheiro por ela. Talvez uma satisfação egoica, ou ver atendido um desejo de levar uma mensagem ao mundo (o que deve ser a mesma coisa). Vai saber! Segundo as Nações Unidas, em 2017, a população mundial atingiu os 7,6 bilhões de habitantes. Se, como propôs o artista alemão Joseph Beuys (1921-1986), todas as pessoas são artistas, acredito que cada uma delas tenha sua motivação própria. Seja para fazer arte, ou não.

Existe uma imbricação entre as instâncias da arte que legitimam um artista e sua obra, que inclui o sistema de venda. Não é um pecado. O que recomendo é que se fique atento para o fato de a arte não ser apartada da vida. Ela também é feita por pessoas. Ainda que algumas sejam mais românticas do que outras.

André Sheik², julho de 2021.

1 Exceto pelo trabalho do Roosivelt, os demais são facilmente encontrados na internet.

2 André Sheik nasceu no Rio de Janeiro em 1966. Artista, curador, poeta e músico, dedica-se às artes visuais desde 1999. Participou de exposições e mostras no Brasil e no exterior e já foi sócio de galeria. Bacharel em História da Arte e mestrando em História da Arte pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), foi colaborador em grupo de pesquisa sobre o mercado de arte na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e, atualmente, é pesquisador associado do Núcleo de Tecnologia da Imagem da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e um dos editores executivos da revista *Concinnitas*, do Instituto de Artes da UERJ.

*Dinheiro na mão é vendaval
Dinheiro na mão é solução
E solidão*

Paulinho da Viola

Arte e dinheiro.

Carlos Vinicius da Silva Taveira (Mestre em teoria da história pela PUC-Rio e doutor em Literatura, cultura e contemporaneidade pela PUC-Rio)

A existência da arte é concomitante à experiência humana na história. Isso torna a vivência múltipla e simultaneamente algo em diálogo com o sistema cultural em que se insere ou que se vive, e por isso, podemos iniciar esse texto salientando que a própria existência do dinheiro, não é um fenômeno universal, mas, sobretudo cultural. Entre os objetos que compõem algumas das sociedades, encontrou-se, ou encontra-se, a figura do dinheiro como um emulador de valor e de troca. Um intermediador na transferência de mercadorias, capaz de oferecer em um objeto um concentrado de potenciais interações.

Historicamente, o dinheiro poderia ser um valor associado a algum objeto como um metal cunhado em círculo e chamado de moeda, ou mesmo, outros agentes compostos por materiais e formatos singulares, como partes de barros, ou pedras e metais preciosos. Na modernidade criaram-se outros meios de tradutibilidade financeira como cheques, cartões, e mais recentemente criptomoedas, ou intermediações geridas por modernos blockchains tecnológicos.

A tecnologia proveu novas formas de criar e transportar o dinheiro, ou mesmo do que seja a sua natureza ontológica, mas talvez a sua maior base significativa socialmente ainda se mantenha o imaginando como portador de algum valor, e que com este, possa afetar a realidade. O dinheiro é um meio capaz de transportar um poder de possuir algo, e isso por si só, já envolve problemas que podem tocar, entre outros, nos campos da estética e das artes e que legitima uma abordagem profunda sobre o tema que naturalizamos com facilidade.

Algumas sociedades não utilizaram, ou mesmo, ainda não utilizam o dinheiro como um sistema mediador de trocas, operacionalizando suas alterações de objetos por outros meios e mecanismos. Não existe uma regra ou obrigação de se usar dinheiro, apesar de salientarmos a dificuldade em se escapar de um sistema capitalista em constante expansão e transformação. Neste caso, podemos pensar e destacar a existência de grupos indígenas que escolheram viver de forma autônoma e com outros valores, ou mesmo grupos alternativos presentes dentro do seio da sociedade capitalista, que por opção, ou por falta dessa, inventaram formas de subverter a lógica de que dinheiro seja imprescindível a existir.

Isso leva a refletir que o dinheiro parece ser algo inerente a pensar o mundo contemporâneo e que tem importância na solução de problemas e desafios, mas que também é um ser que pode ser problematizado, pois a forma de atuar na intermediação de valores toca em diversas esferas, e as atravessa, sem deixar muito tempo para avaliações e reflexões profundas dos afetos que ocasiona. Como diz o grande slogan do capitalismo “tempo é dinheiro”, mas sabemos que a vida é algo maior que isso. A arte como um dos maiores produtores de saber e de sensibilidades, pode oferecer contribuições para repensar, e inventar novas possibilidades, ao mesmo tempo em que também atua como algo portador de valor monetário, e de valores mais amplos sobre a humanidade.

Dito isto, um disparo para se pensar o dinheiro como eixo central de uma exposição, como a atual proposta pela Galeria Zagut, é um momento de pausa, e concomitantemente de imaginação e reflexão para se pensar que limites definem o que é o dinheiro e que possíveis relações e ações são tocadas por ele. O desafio é imenso, e as possibilidades criativas infinitas, e aqui entra a saudação aos organizadores da exposição Augusto Herkenhoff e Isabela Simões pela escolha de um tema polissêmico que é capaz de arregimentar leituras e opiniões dispares e a artistas que criaram obras evocativas de pensar o que significa o dinheiro e suas afecções.

Dinheiro, um circuito

As variáveis para pensar o dinheiro, e o que ele pode afetar, são inumeráveis. O dinheiro é valor, e também porta esse valor a quem o possui, porém, são valores que possuem limites tanto financeiros, quanto éticos. É possível ter dinheiro e ostentá-lo, mas também encontrar objetos que não podem ser comprados. O filósofo Karl Marx definia no seu livro *“O capital”* que uma mercadoria poderia ser qualquer coisa que se possa imputar um preço de compra e outro de venda, ou seja, praticamente todos os seres presentes no mundo poderiam se tornar uma. Para evitar isso, estabelecemos alguns princípios que impeçam a vida de se transformar em uma mercadoria total capaz de ser comprada, ou mesmo vendida.

No contexto latinoamericano que foi forjado historicamente com uma grande desigualdade social, entender que o dinheiro tem limites, ou que é possível existir com pouco, é uma premissa essencial. O grupo de rapper porto-riquenho Calle 13 criou uma música em 2011 que se espalhou pelas redes sociais nominada *“latinoamerica”* e que possuía a seguinte estrofe abaixo cantada ora em espanhol, ora em português:

Tu no puedes comprar el viento
Tu no puedes comprar al sol
Tu no puedes comprar la lluvia
Tu no puedes comprar el calor (¿qué calor? acá no llega ;-)

Tu no puedes comprar las nubes
Tu no puedes comprar los colores
Tu no puedes comprar mi alegría
Tu no puedes comprar mis dolores

A música declama os desafios de viver em um continente em que o precário, e que resta, é justamente a substância que compõe nossa cultura. Em parte, nossa cultura é parte do resultado de um processo amplamente explorador, e mesmo assim, uma das riquíssimas em valor de diversidade do mundo. No verso *“Soy lo que dejaron, Soy todas las sobras de lo que se robaron”* a posição do eu lírico o coloca como parte do que foi “deixado pra trás”, do que não era capaz de gerar dinheiro ou riqueza.

A parte da música registrada nas estrofes acima salientou que mesmo após tudo que aconteceu historicamente, existiram (e resistiram), e ainda

existem (e resistem) limites para o que o dinheiro pode comprar. Não são só os ventos, as chuvas, os fenômenos naturais que não podem ser comprados, mas sim, a experiência, o contato, as memórias e afetividades que temos nessas interações.

No âmbito das artes o dinheiro pode gerar ambiguidades ao ponto de percebemos que artistas hoje consagrados e com obras milionárias em leilões, não venderam praticamente nada enquanto estavam vivos, como no famoso caso de Van Gogh. Já outra vertente artística e mais contemporânea e hackeando a funcionalidade do dinheiro de compra, artistas como Cildo Meireles apropriam a capacidade de circularidade da moeda e o transformam em mídia e objeto artístico espalhando sua mensagem “quem matou Herzog?”.

O dinheiro que transmitia valor financeiro, se subverte em um valor de crítica política, alastrando e expandindo o acesso a mensagem para novos espectadores. Ocorre uma disfuncionalidade de sua finalidade, a ampliando para outras necessidades. O telos de o dinheiro ser somente para determinado fim, ganha uma nova conotação com a intervenção artística proposta por Cildo Meireles. Não é mais a mesma ideia de valor que circunda o dinheiro, mas uma ressignificação de quais são realmente os valores que importam e que devem ser espalhados em forma de contágio. Trata-se de uma mudança sutil, mas altamente significativa na hierarquia das importâncias que o dinheiro movimenta e de que valores ele deveria realmente financiar.

Dito isto, todo circuito possui fissuras, e são por esses entremeios que a arte pode insurgir e posicionar novas ideias. O dinheiro não é só uma forma de financiamento de compra, mas também de meio como observamos em Cildo. Existem outras formas de pensar o dinheiro nas artes? A resposta é sim. Infinitas maneiras. Uma própria cédula ou moeda é um suporte artístico que transporta imagens, figurativas ou não.

Por fim, pensar e sensibilizar o papel do dinheiro como tema, como meio, como objeto, ou meramente como ausência, foi o desafio que os artistas das próximas páginas aceitaram e que estão expostos nessas páginas e em suas obras. Cada um expressou conforme sua subjetividade o que o dinheiro pôde lhe inspirar. Tempo não é dinheiro, e vida é um valor maior que pode ser vivido com arte, como a existente nesse catálogo presente em suas mãos. E como diz

um dos versos da música latinoamérica do grupo Calle 13 “Tu no puedes comprar mis dolores”.

Bibliografia.

HERKENHOFF, Paulo; MOSQUERA, Geraldo; CAMERON, Dan. **Cildo Meireles**. São Paulo: Cosac Naify, [2000].

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política /. 10. ed. -. São Paulo: DIFEL, 1985.

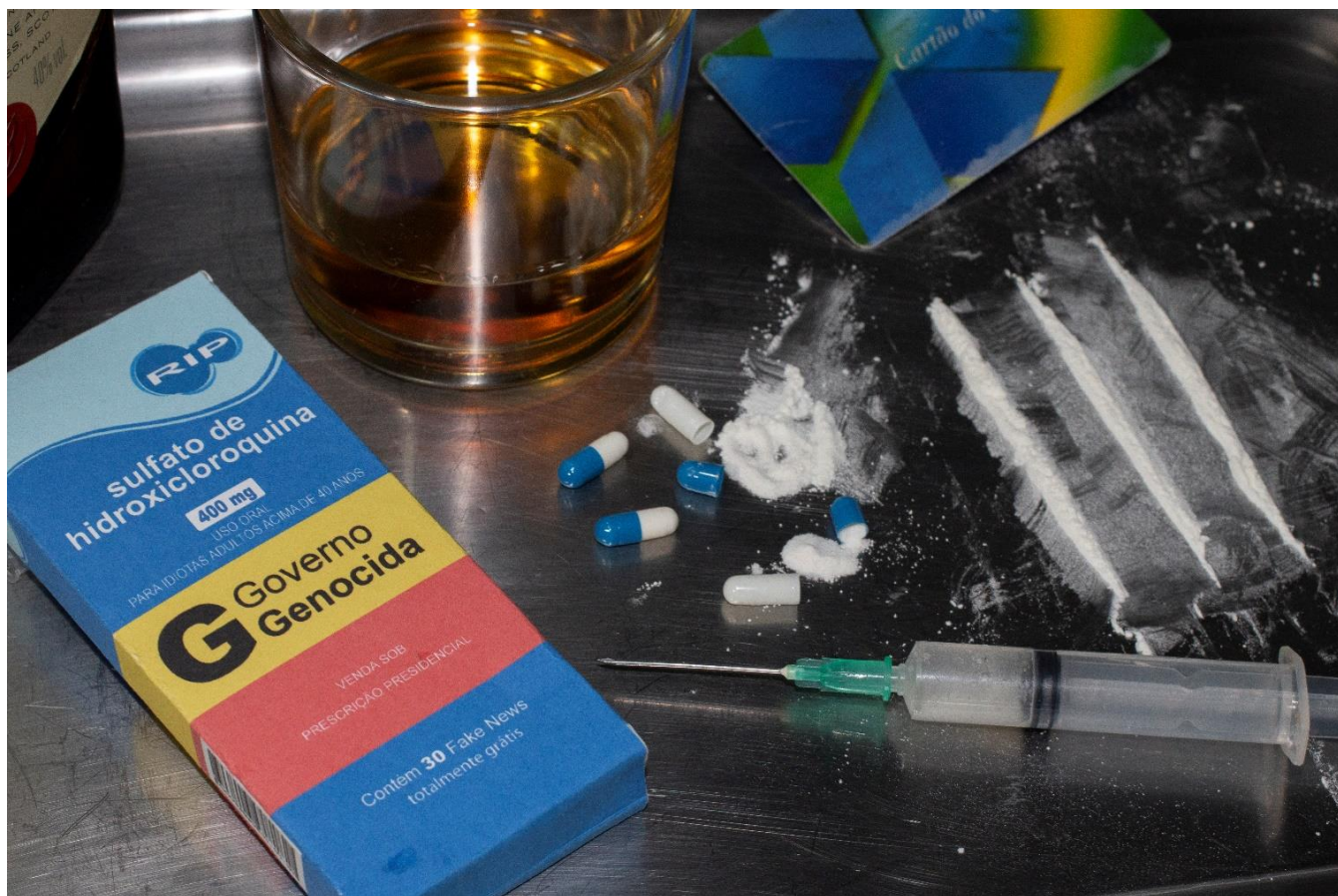
SANTOS, João Carlos Lopes dos. **Manual do mercado de arte**: uma visão profissional das artes plásticas e seus fundamentos práticos. São Paulo: J. Louzada, 1999.

Adriana Montenegro



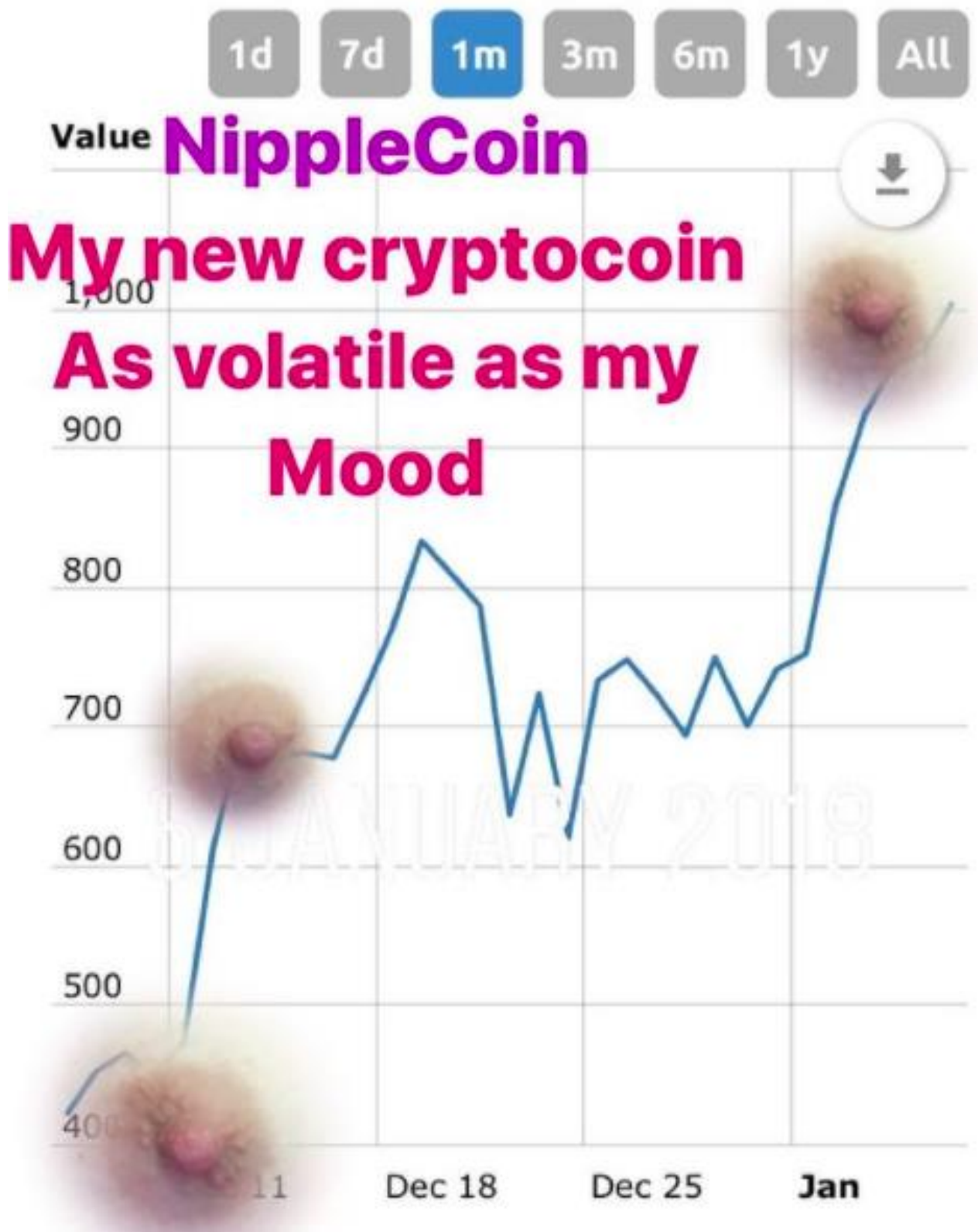
Livro, fibras naturais, anzóis; fotografia; 40 x 27,97 cm (s/moldura); tiragem: 5; 2002/2021

Ale Silva



$C_{18}H_{26}ClN_3$; fotografia digital; tiragem 1/10; 42 x 30 cm + moldura; 2021

Aleteia Daneluz e Bosco Renaud



#NIPPLECOIN; imagem de Crypto Art vinculada ao CMB (Carioca Multi Bank do J. Bosco Renaud) que estará em breve vinculado a um blockchain; arquivo digital; cópia única; 2018

Ana Angelim



Business; giz pastel oleoso, acrílica e grafite s/ Canson; 30 x 42 cm; 2021

Ana Cristina Teixeira



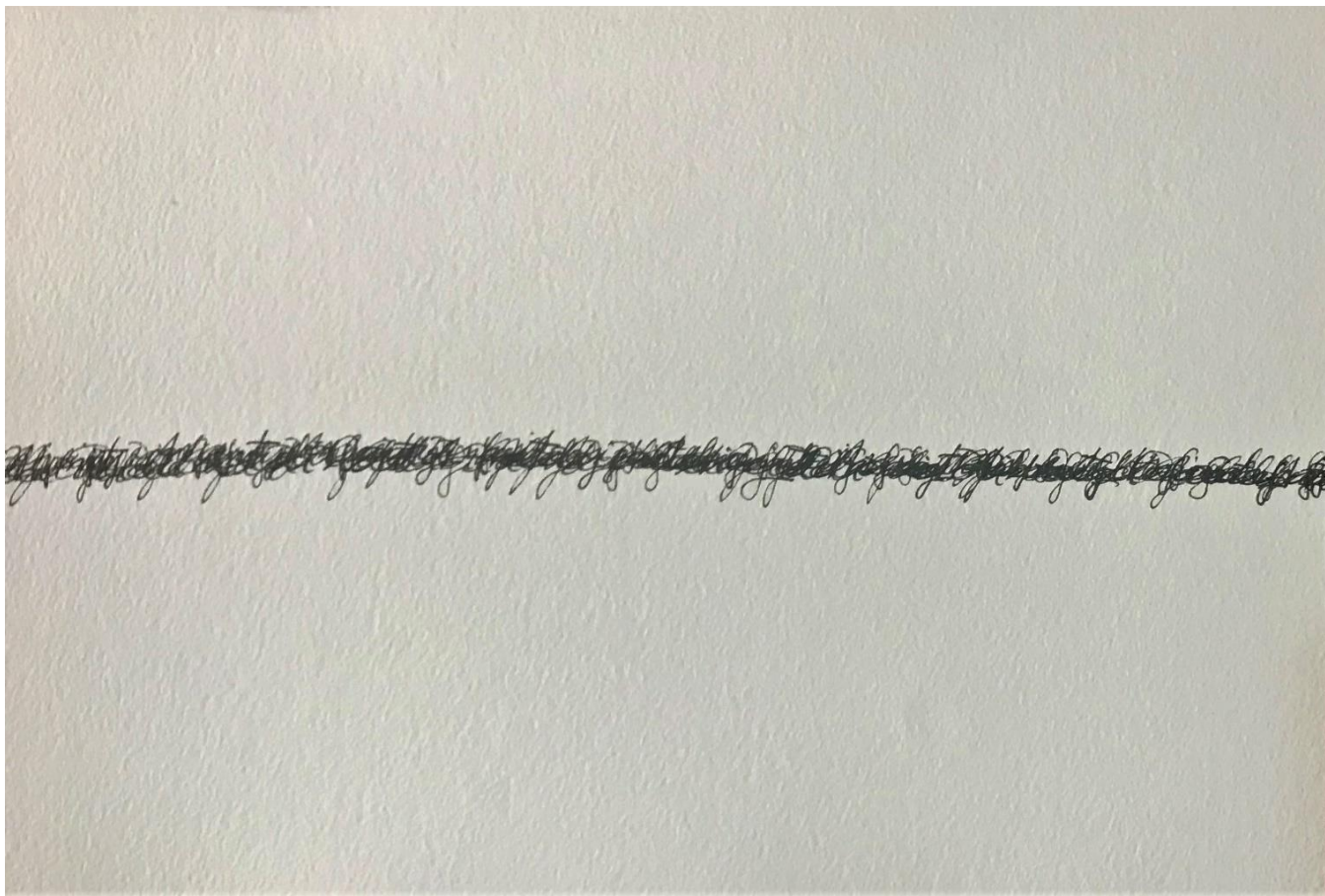
Dinheiro é arte; acrílica s/ papel e colagem; 30 x 21 cm (cada); 2021

Ana Luiza Mello



Fortuna; acrílica s/ tela; 90 x 90 cm; 2021

Ana Schieck



Money makes the world go 'round; caneta permanente s/ papel de aquarela
Canson-Montval; 20 x 30 cm; 2021

Anderson Tibau



Filosofia do Dinheiro; técnica mista: metal, acrílica e óleo s/ tela; 20 x 40 cm;
2021

André Sheik



O que importa (é a cor do dinheiro); vídeo gravado em Mini DV; 9'27"; 2008; tiragem 1/5

Andres Papa



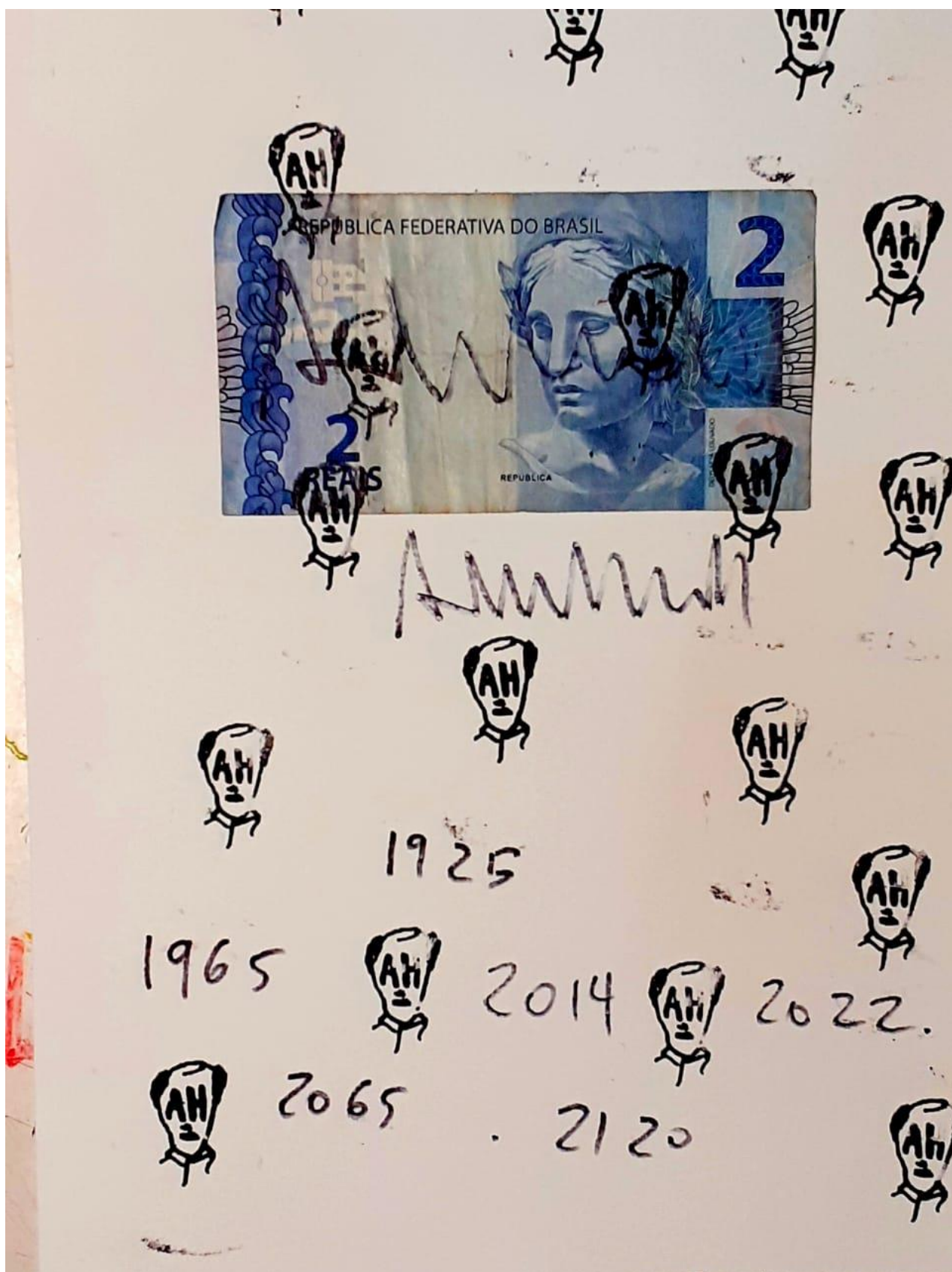
57 797 847 cópias; técnica mista com finalização digital; 60 x 40 cm; 2021

Angela Mello e André Metello



Sufoco; fotografia e arte digital; tiragem 10; 21 x 29 cm; 2021
O sufocar e o comprimir pelo dinheiro o ser humano na História.

Augusto Herkenhoff



Dinheiro azul; técnica mista; 21 x 29 cm; 2014/2021

Bahie Banchik



O passeio de Marianne; técnica mista e colagem de organdí e papel s/ madeira; 34 x 40 cm; 2021

Que estranho destino teve Marianne...

Depois de inspirar a soberana República Francesa emprestando sua graça à liberdade, ser fraternal com seu povo e igualitária nas ideias, viajou para o Brasil e encontrou seu destino Real no avesso de araras e onças ameaçadas... entristecendo assim seu semblante que representa um povo enlutado e desbotado por tanto descaso.

Bel Mota



188; fotografia impressão fine art; 60 x 73 cm; tiragem 1/6; 2021

Benjamin Rothstein



Sem título; acrílica s/tela; 107 x 150 cm; 2021

Bosco Renaud



Money man; arte monetária, impresso em papel especial; série: 150 impressões produzido pela CMB (CARIOCA MULTI BANK of J BOSCO RENAUD), moldura em madeira, parte interna com espelhos; 14 x 6,03 cm; moldura 20 x 25 cm; 2018

Carmen Givoni



O futuro não está à venda; acrílica s/ tela com intervenção digital e impressão
fine art; 50 x 50 cm; 2021

Celia Gimenez



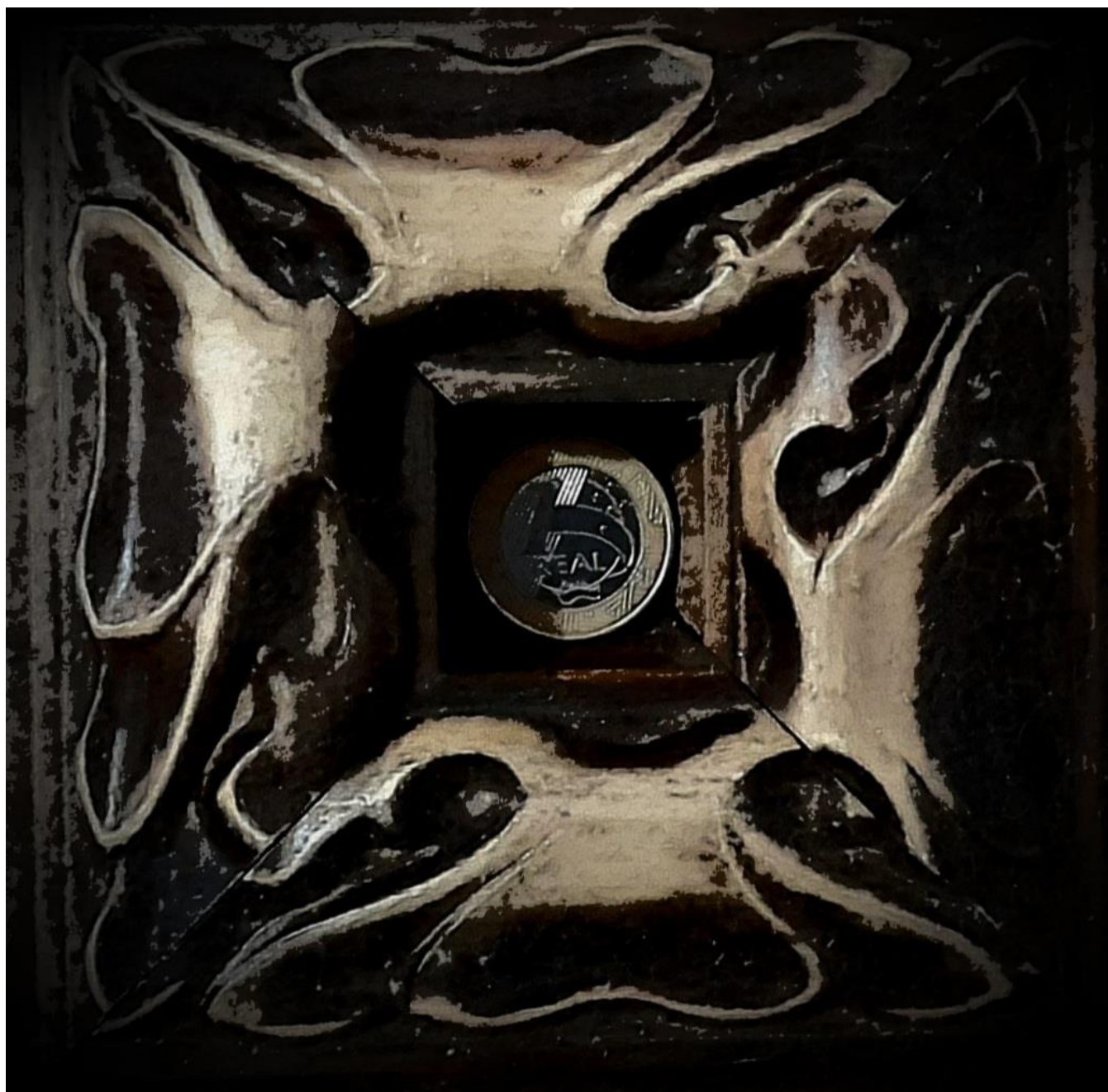
Cedro, jatobá, maçaranduba; técnica mista s/ papel Canson; 35 x 43 cm; 2021

Celina Nolli



Tesouro; fotografia trabalhada digitalmente, impressão fine art em papel Edition Etching Rag, 100% algodão, 310g/m2; 80 x 71 cm; 2021

Celso Adolfo



Aplicações; bricolagem digital; 20 x 20 cm; 2021

Cerise E.



Metal Obscuro; fotografia, colagem digital; edição única; 13,5 x 6,5 cm; 2021

Cesar Paes Barreto



A Dona do Bordel; arte digital em smartphone, impressão em canvas Canson matte 395 g, com tintas de pigmento mineral; edição única; 42 x 29,7 cm (A3) e com 10 reprints, impressão em papel Canson matte 180g, com tintas de pigmento mineral, formato 42 x 29,7 cm (A3); 2021

Chica Granchi



Vale quanto pesa; técnica mista, acrílica s/ tela; colagem, vidro; 30 x 40 cm;
2000

Cildo Meireles



Zero dollar; arte monetária, impressão off-set s/papel moeda; tiragem 11.899;
15,6 x 6,6 cm; 1978-1984

Zero dollar; arte monetária, impressão off-set s/papel moeda; tiragem 11.899;
15,6 x 6,6 cm; 2017

Cildo Meireles



Zero real e zero cruzeiro; arte monetária, impressão off-set s/papel moeda; 6,5 x 14,4 cm e 6,7 x 15,7 cm; 2013 e 1974-1978 respectivamente

Claudia Tebyriçá



Cara; frottage s/ papel japonês montado em papel artesanal; 11 cm de diâmetro; 2021

Claudia Watkins



Podemos vender; cerâmica pintada; 20 x 12 x 10 cm; 2021

Conceição Durães



Mastigadora de diamantes; trabalho digital, tiragem 1/5; 40 x 30 cm; 2020

Cunca Bocayuva



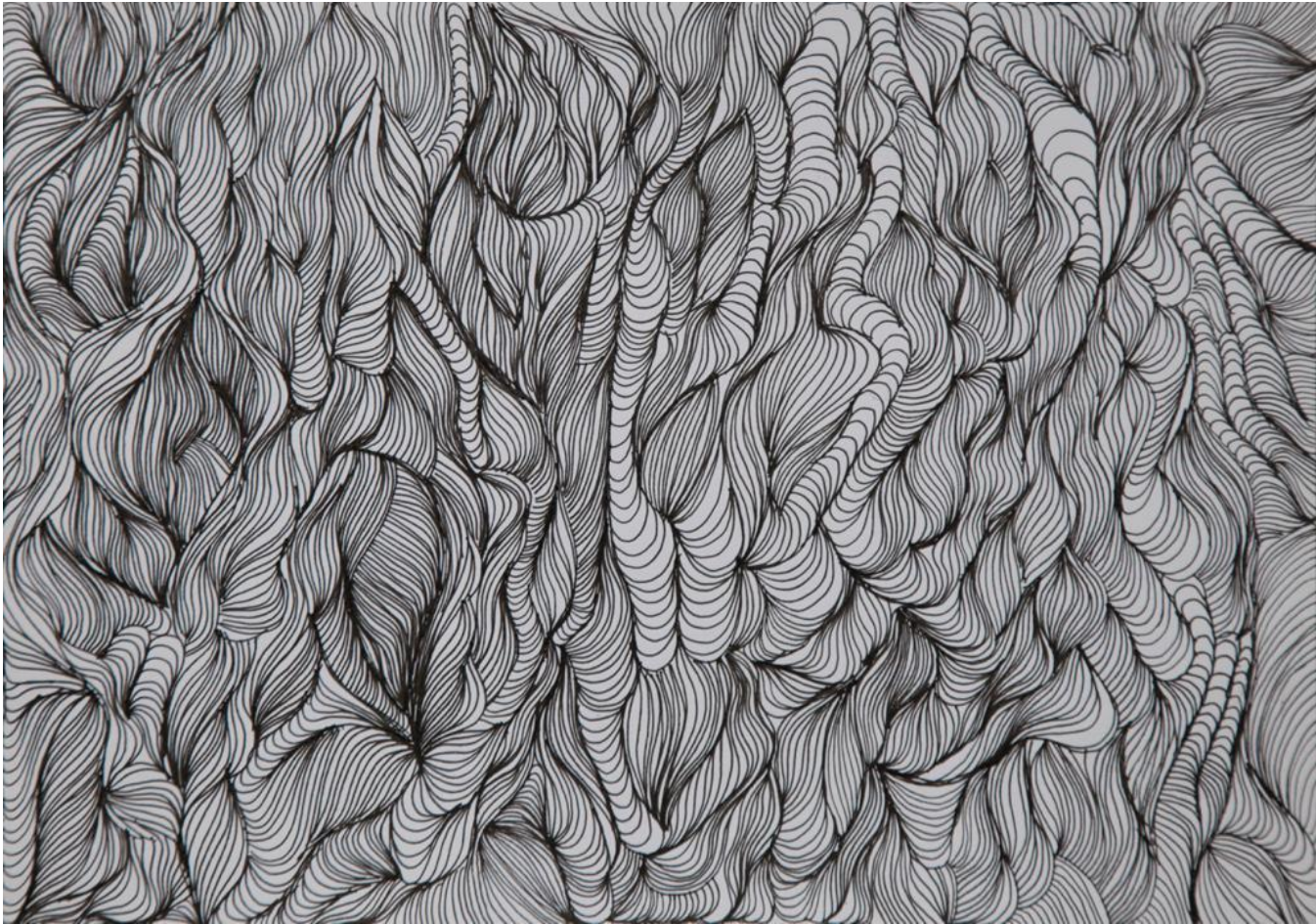
Fetichismo da forma dinheiro; gravura digital, cópia única; 50 x 50 cm; 2021

Daniela Veronesi Deboni



Avida dollars; papel e lápis aquarelado, acrílica; 30 x 42 cm; 2021

Daniele Bloris e Andrea Estevão



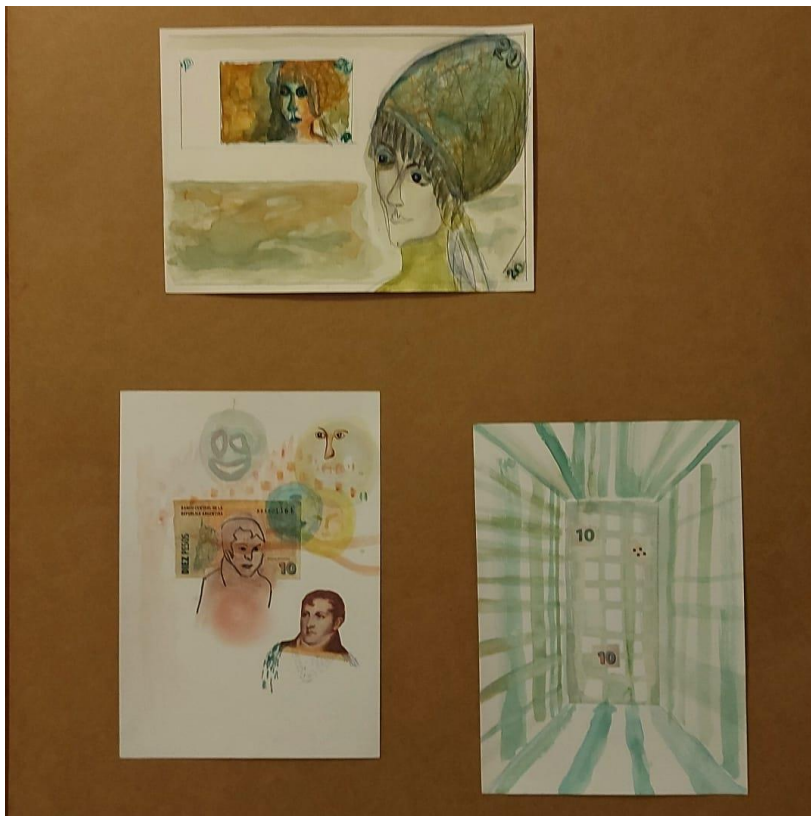
Fibra Vendaval; nanquim s/papel fine art; 29 x 42 cm; 2018

Fibra vendaval

Traço a traço
A trama vegetal se faz floresta.
Tecido vivo,
Pele e suas ressonâncias.
Fibra vibrátil, o coração,
Impulso e flecha.
A arte com seus fios
Trança desatando nós.
Faz do vôo, ninho
De concretude volátil.
Incansável invenção de mundos.
Valor? De vendaval.

Coletivo Redemoinho/ Daniele Bloris e Andrea Estevão

Débora Carneiro da Cunha



Dinheiros; 3 aquarelas e colagens; 30 x 21 cm (cada); 2010/2021
Dürer Dame; caixa de vidro e madeira, etiquetas, nota de marco alemão 1960;
15 x 20 cm; 2021

Deborah Costa



Dinheiro na mão é vendaval; patch art; 30 x 28 cm; 2021

Denise Araripe



Non-fungible token 60 NFTs; filme com um minuto e dez segundos composto de 60 quadros de fotografias de instalação (escultura de cabeça em cerâmica com cabelos de cobre; escultura de cabeça em cerâmica pintada alusão ao filme Cremaster 4; crânio de vidro; luz de LED; carretel de papelão com fio de cobre; carretel de madeira com fio de cobre; corpo de boneca articulado de polietileno; ampulheta 60 minutos em vidro e areia; dez esferas de cristal; pedra de pirita; coral de BVI; coral de Trancoso; conchas de Búzios; notas de dinheiro de coleção; moedas de coleção; grãos de café de Altinópolis da Alta Mogiana; bowl de vidro contendo 18 gramas de sal; 1':09"; 2021

Denize Torbes



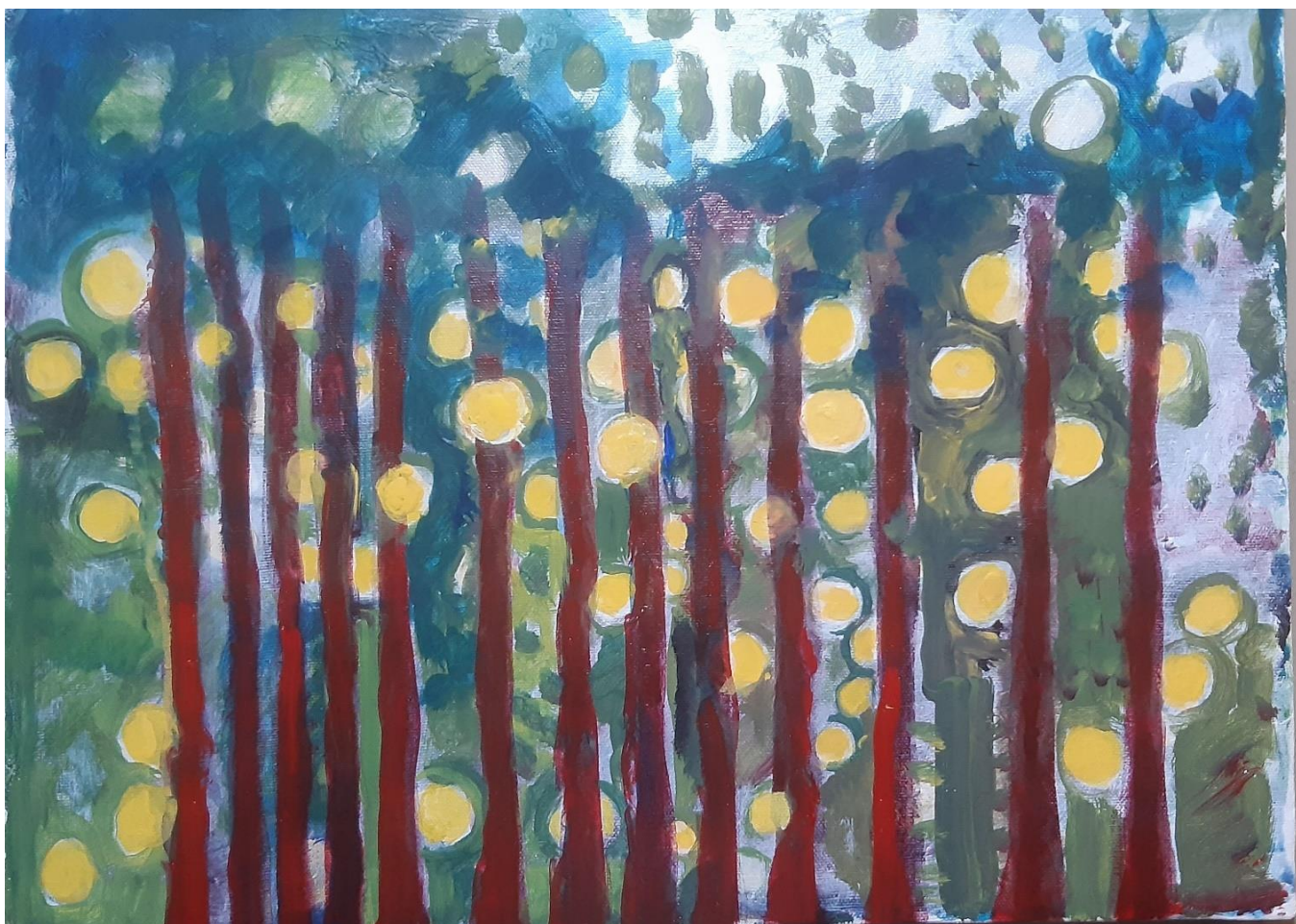
Balança Brasil – A dinâmica da maldade; fotografia impressão fine arts; 26 x 16 cm; tiragem 10; 2021

Dirce Fett



Mapas do Brasil; 10 fotografias, notas de dinheiro; 31 x 46 cm; 2021

Dora Portugal



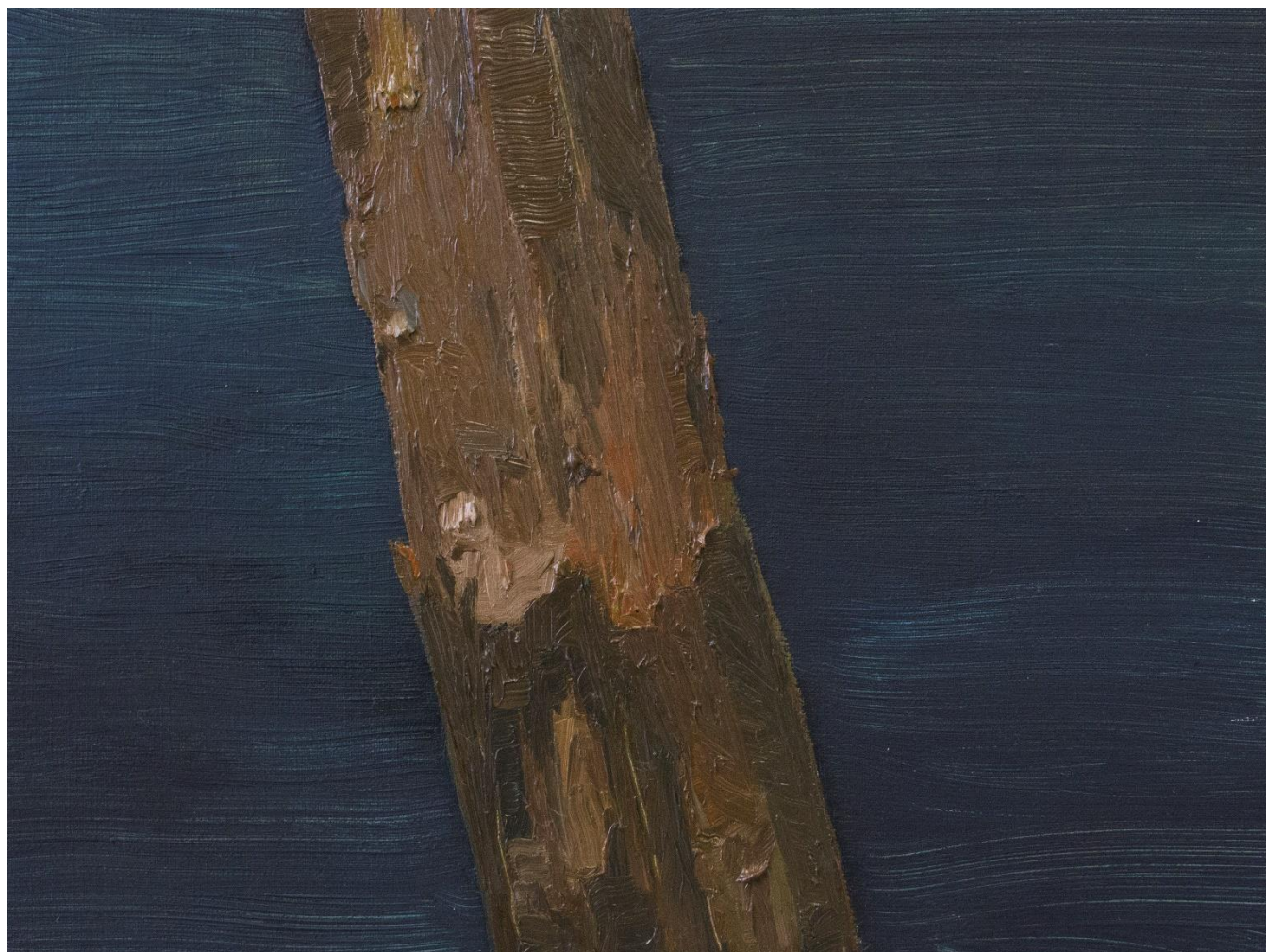
Árvores e dinheiro; acrílica s/ tela; 40 x 30 cm; 2021

Edwiges Barros



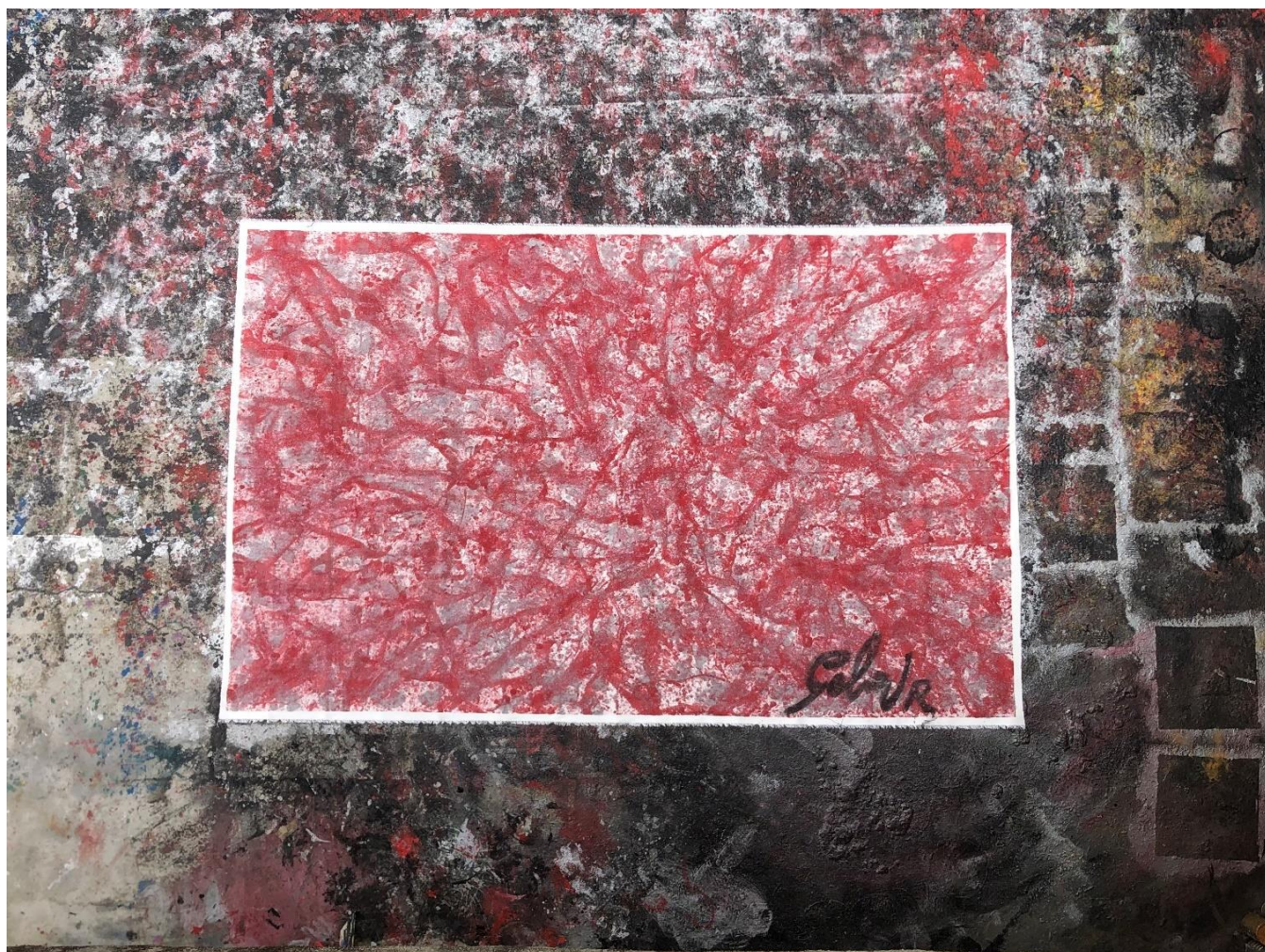
Cofrinho; papel manteiga e casca de ovo; 28 x 20,5 cm; 2021

Fernando Brum



Sem título; óleo s/ linho; 24 x 30 cm; 2019

Galvão Jr.



Sem título; técnica mista s/ tecido; 150 x 240 cm; 2021

Gilda Lima



Uma Carta na Manga - no Museu D'Orsay; fotografia digital em papel alemão, edição única; 40 x 22 cm; 2018

Graça Pizá



Díspar; escultura: Colágeno sintético, plástico, papel, nylon, tinta acrílica, gancho metálico; 230 x 45 x 60 cm; 2021

Helen Pomposelli



O dinheiro é belo, porque é uma libertação (Fernando Pessoa); fotografia com técnica mista; cópia única; 30 x 40 cm; 2021

Querer ir morrer a Pequim e não poder é das coisas que pesam sobre mim como a ideia dum cataclismo vindouro.
Os compradores de coisas inúteis sempre são mais sábios do que se julgam — compram pequenos sonhos. São crianças no adquirir. Todos os pequenos objectos inúteis cujo acenar ao saberem que têm dinheiro os faz comprá-los, possuem-os na atitude feliz de uma criança que apanha conchinhas na praia — imagem que mais do que nenhuma dá toda a felicidade possível. Apanha conchas na praia! Nunca há duas iguais para a criança. Adormece com as duas mais bonitas na mão, e quando lhas perdem ou tiram — o crime! roubar-lhe bocados exteriores da alma! arrancar-lhe pedaços de sonho! — choram como um Deus a quem roubassem um universo recém-criado.

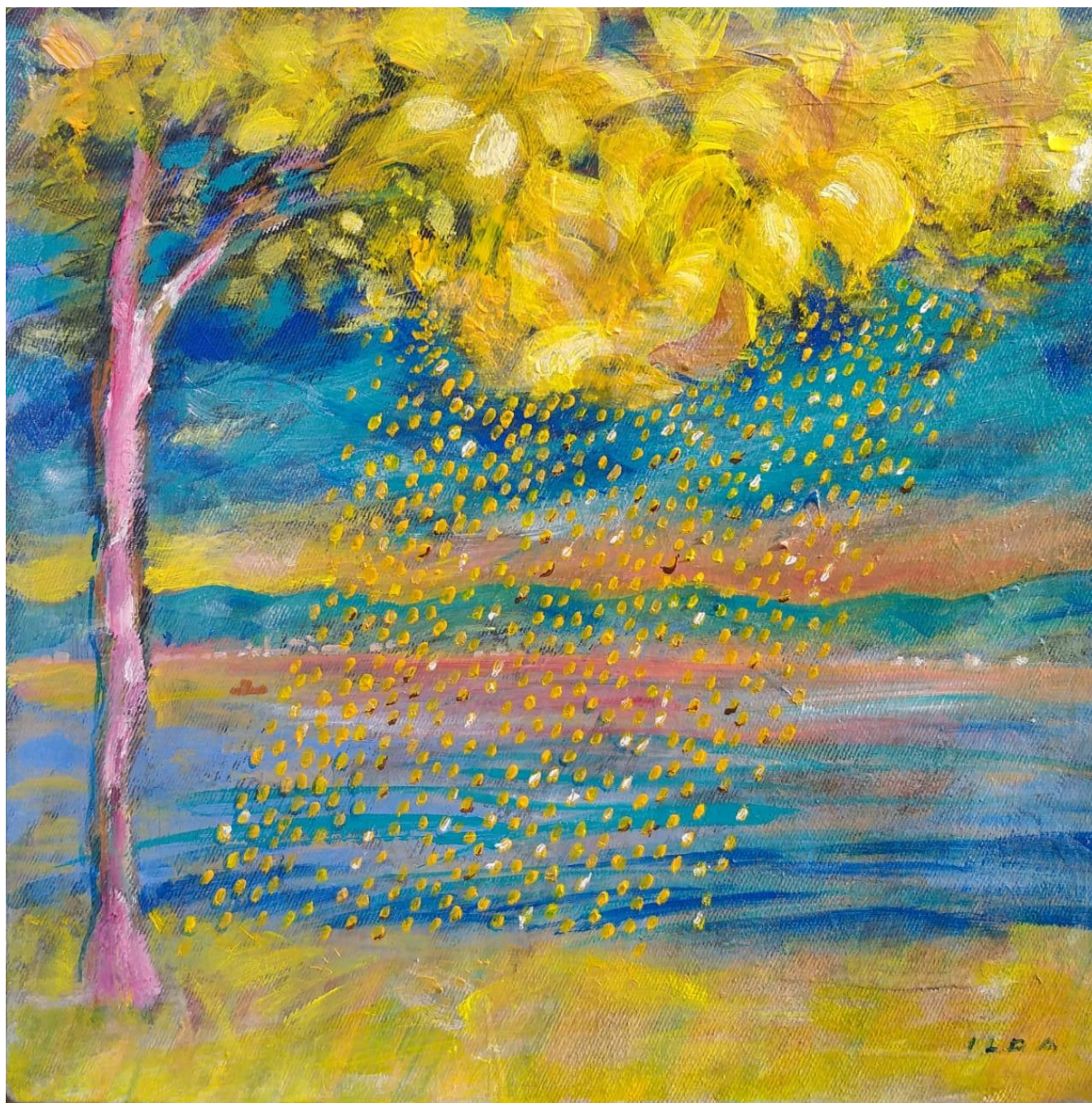
Livro do Desassossego por Bernardo Soares/ Fernando Pessoa

Hortensia Pecegueiro



Dinheiro - do Bezerro de Ouro ao Touro de Wall Street; técnica mista: arte digital, crayon, acrílica, impressão em papel Canson, tiragem 1/5; 31 x 46 cm; 2021

Ilda Fuchshuber Falacio



Arte mandinga para fazer chover dinheiro; acrílica s/ tela; 30 x 30 cm; 2021

Iraceia Oliveira



Dinheiro ou arte; metal de caixa de chocolate colado em papel cartão ao contrário (ready made); 20 x 20 cm; 2021

Isabela Bentes



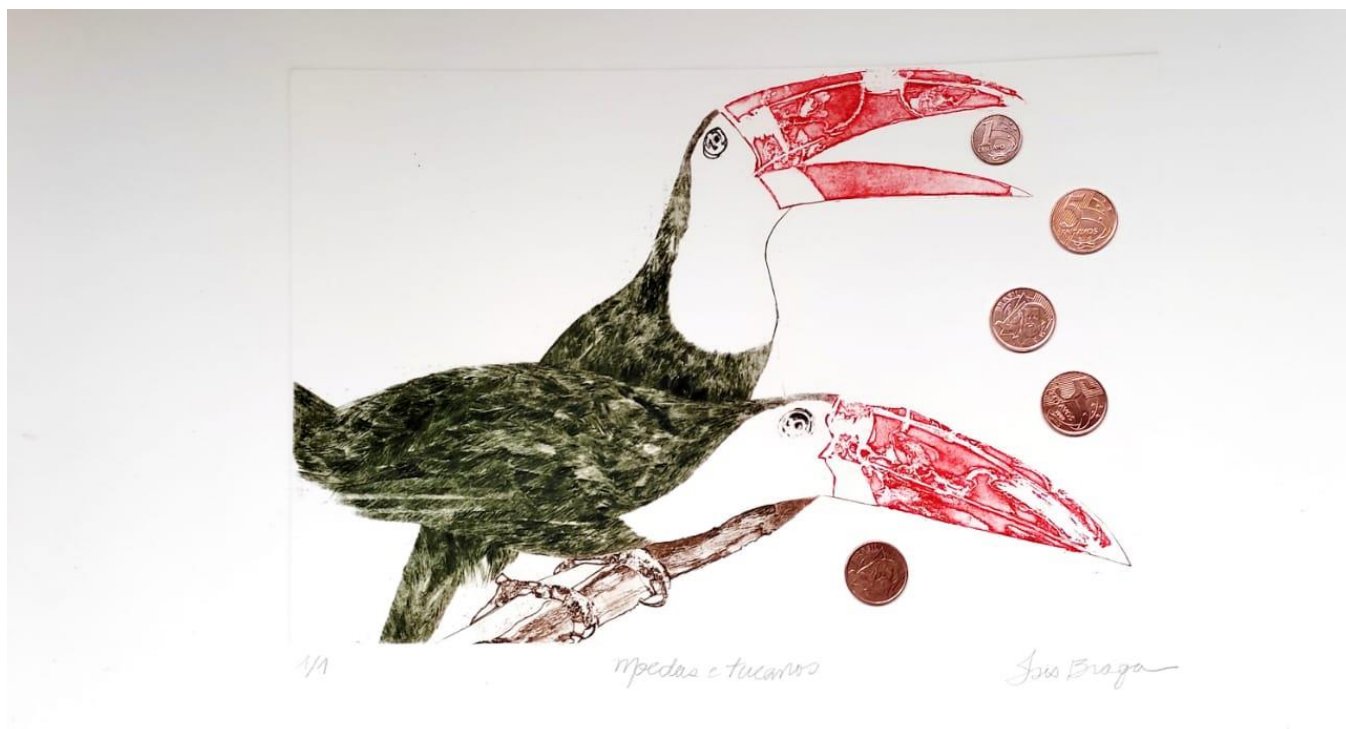
Sem título; fotografia impressão fine arts; 60 x 60 cm; 2021

Isabella Marinho



Espiral; acrílica, marcador permanente e objetos sobre papelão, costura com fio de sapateiro; 140 x 40 cm; 2021

Isis Braga



Moedas e tucanos; gravura em metal (verniz de álcool e ponta seca) e colagem de moedas; placa: 20 x 29,5 cm, papel 38 x 49 cm; 2021

Jacqueline Adam



Abismo; fotografia impressão fine arts; 15 x 10 cm; 2021; tiragem 10

Jarbas Paullous



Ostentação; escultura; dimensões variáveis; 2021

João Saboia



Zero Dolar do João; impresso digital; tiragem 6; 60 x 60 cm; 2021

Jorge Cerqueira



Bitcoin; gravura em metal - ponta seca, buril e água tinta; tiragem 30; 23 x 21 cm; 2021

Jorge Duarte



Dirty money: Artistic wash; acrílica s/ MDF; 83 x 123 cm; 2018

José Rocha



K Mundial; técnica mista; 42 x 30 cm; 2020

Lando Faria



Homem prateado; fotografia, impressão fine arts; tiragem 1/5; 100 x 100 cm; 2000

Lena Tejo



Culto; técnica mista: concreto, tijolo e barbante; 13 x 9 x 39 cm; 2021

Lenn Cavalcanti



Tempo é dinheiro; objeto: areia e moedas de vários lugares do mundo; 8 x 21 cm; 2021

Lennart



Real realeza; aquarela e lápis; 29,7 x 42 cm; 2021

Let Cotrim



Abundância; fotografia digital, impressão fine art em papel Hahnemühle Baryta; tiragem 10; 25 x 41 cm; 2021

Lia do Rio



Mercado de arte; bolas de gude em argila crua; peça única; 10 x 10 x 10 cm;
2000

Liana Gonzalez



Dinheiro em penca; intervenção/fotografia; 29 x 42 cm; tiragem 10; 2021

Liane Briand



Pé de Meia; acrílica e colagem s/tela; 60 x 50 cm; 2021

Lucas Giannini



Sem título, série catálogos; Álcool 70% sobre notas fiscais encadernadas; 13 x 8 x 0,5 cm; 2021

Me encontro trazendo um mundo para dentro de livros e os livros para dentro do mundo.

Lucia Lyra



Cara; acrílica s/ papel; 29,5 x 42 cm; 2021

Luciane Villanova



Ganância; fotografia digital impressa em papel 100% algodão Hahnemuhle
PhotoRag 308gsm; 20 x 60 cm; 2020; tiragem: 1/5

Ludmila Mueller Leal

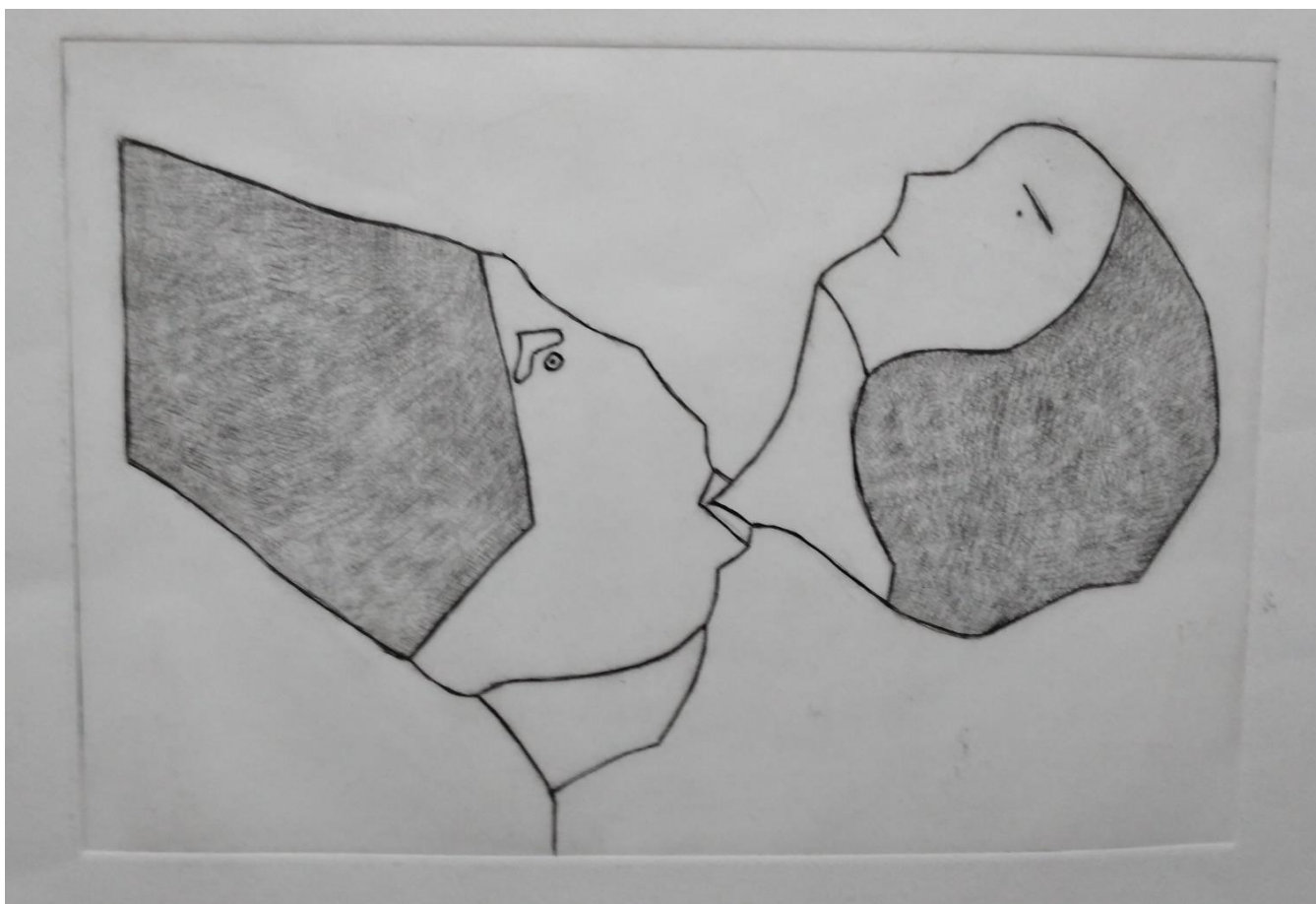


Moon River – Um Estudo de Valores; bordado e aplique de moedas utilizando linhas acrílica e de algodão sobre jeans e seda; 59 x 38 cm; 2018



Açougue; litogravura; 50 x 70 cm; anos oitenta

Marcia Cavalcanti



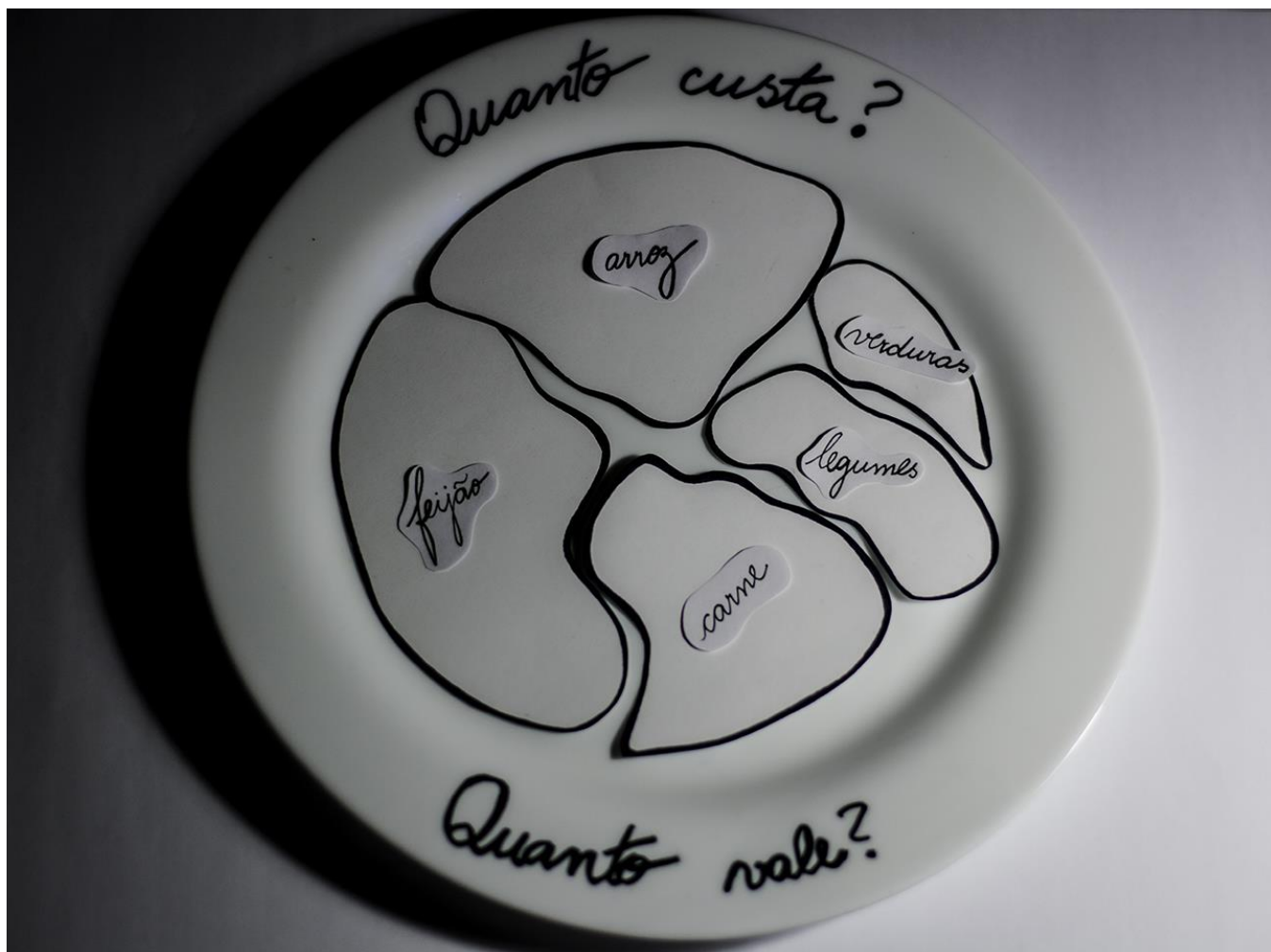
S/ título; gravura em metal; 46 x 33 cm; 2017

Marcio Fonseca



A Jogadora; pano, plástico e papel moeda; 25 x 10 cm; 2012

Maria Cecilia Leão



Quanto custa? Quanto vale?; fotografia digital, impressão em fine art, papel Photo Rag Barita 310g; tiragem 1/5; 30 x 40 cm; 2021

Maria Verônica Martins



homenageando Nelson Mandela; aquarela; 30 x 42 cm; 2021 (baseado na cédula do Rand, dinheiro oficial da África do Sul)

Mariza Vescovini



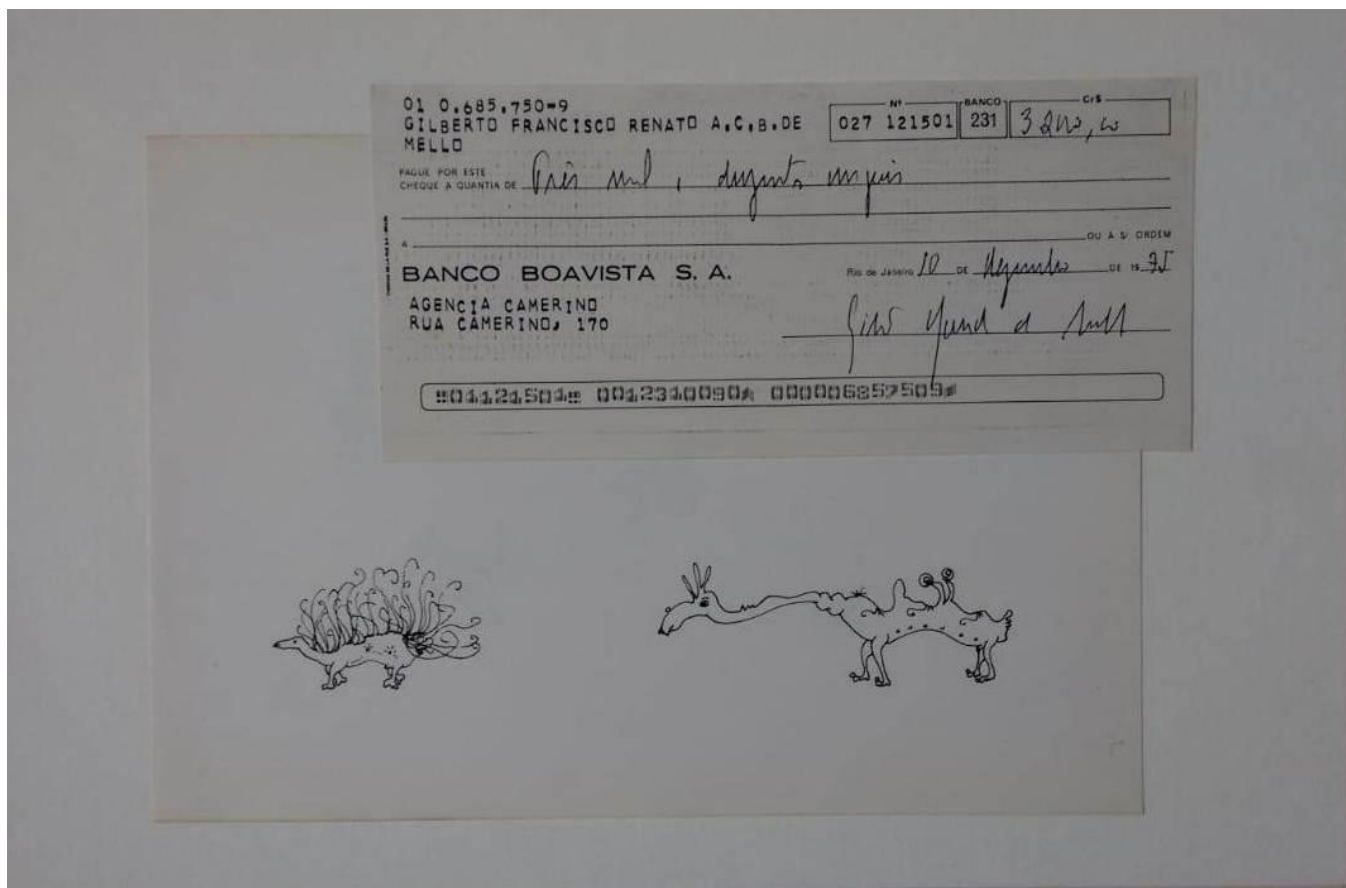
Cruzadas, escultura técnica mista (cerâmica, tecido e moedas), dimensões variáveis, 2019

Marta Bonimond



Moeda de mil; técnica mista s/ madeira; diâmetro 100 cm; 2013

Martha Pires Ferreira



Zoologia_cheque; desenho off set e cópia de cheque, 1975 s/ papel Canson;
29,7 x 21 cm; 2020

Mauricio Tassi



Contraponto Urbano; mão livre em computação gráfica; 84 x 118 cm (podendo ser impresso em diversos tamanhos); tiragem 10; 2021

Nesta obra, em vez de representar o dinheiro em si, me inspirei em sua falta e como isso interfere na paisagem. A contradição entre a natureza e o construído irregularmente e sem planejamento - justamente em virtude da falta de dinheiro -, fica nítida, empobrecendo a paisagem retratada. O objetivo deste antagonismo é gerar uma reflexão sobre o capital.

Maurício Theo



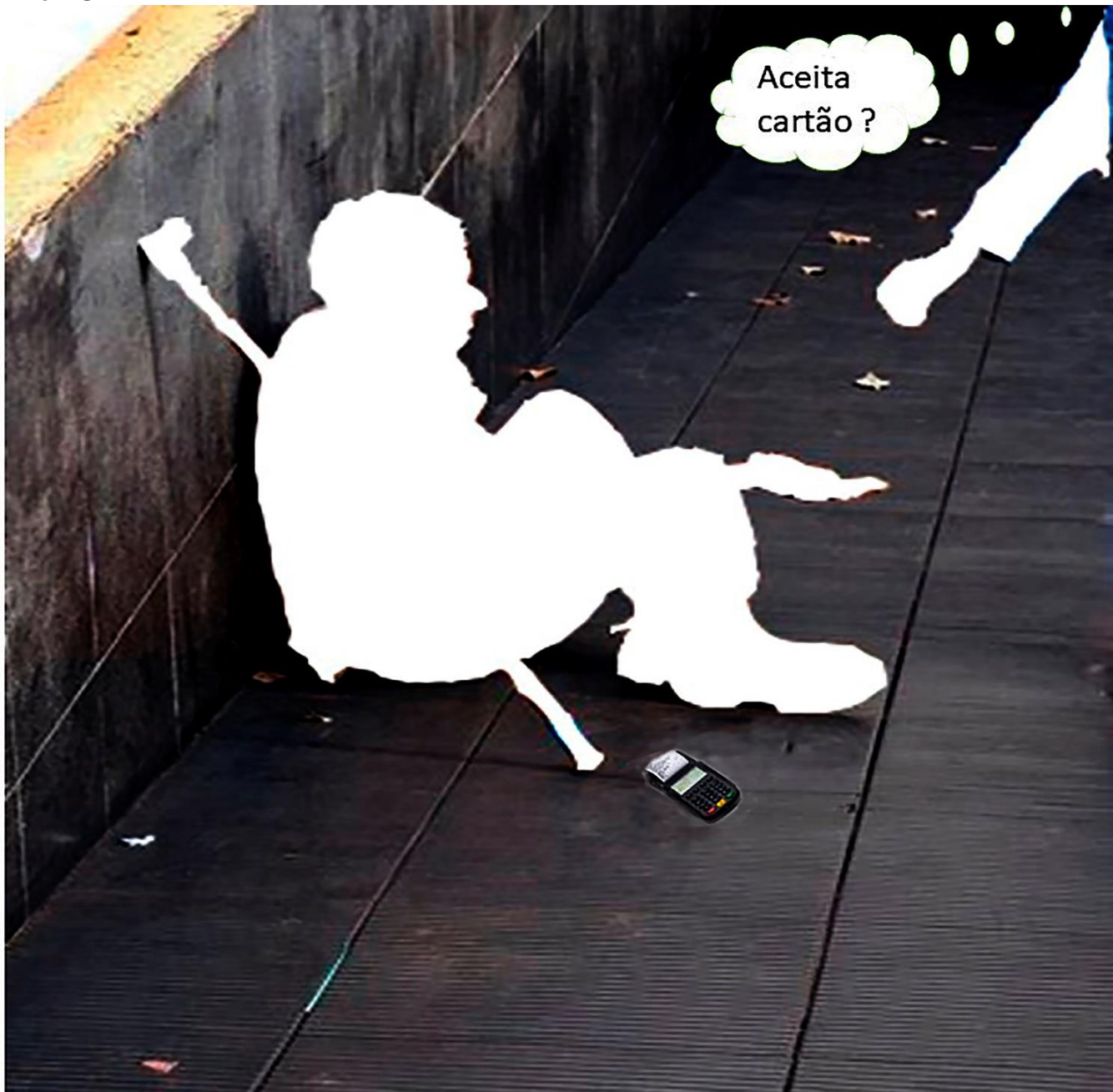
Dinheiro e Arte Avenida Paulista; fotografia digital impressão fine arts; tiragem 1/3; 35 x 75 cm; 2017

Miguel Hijjar



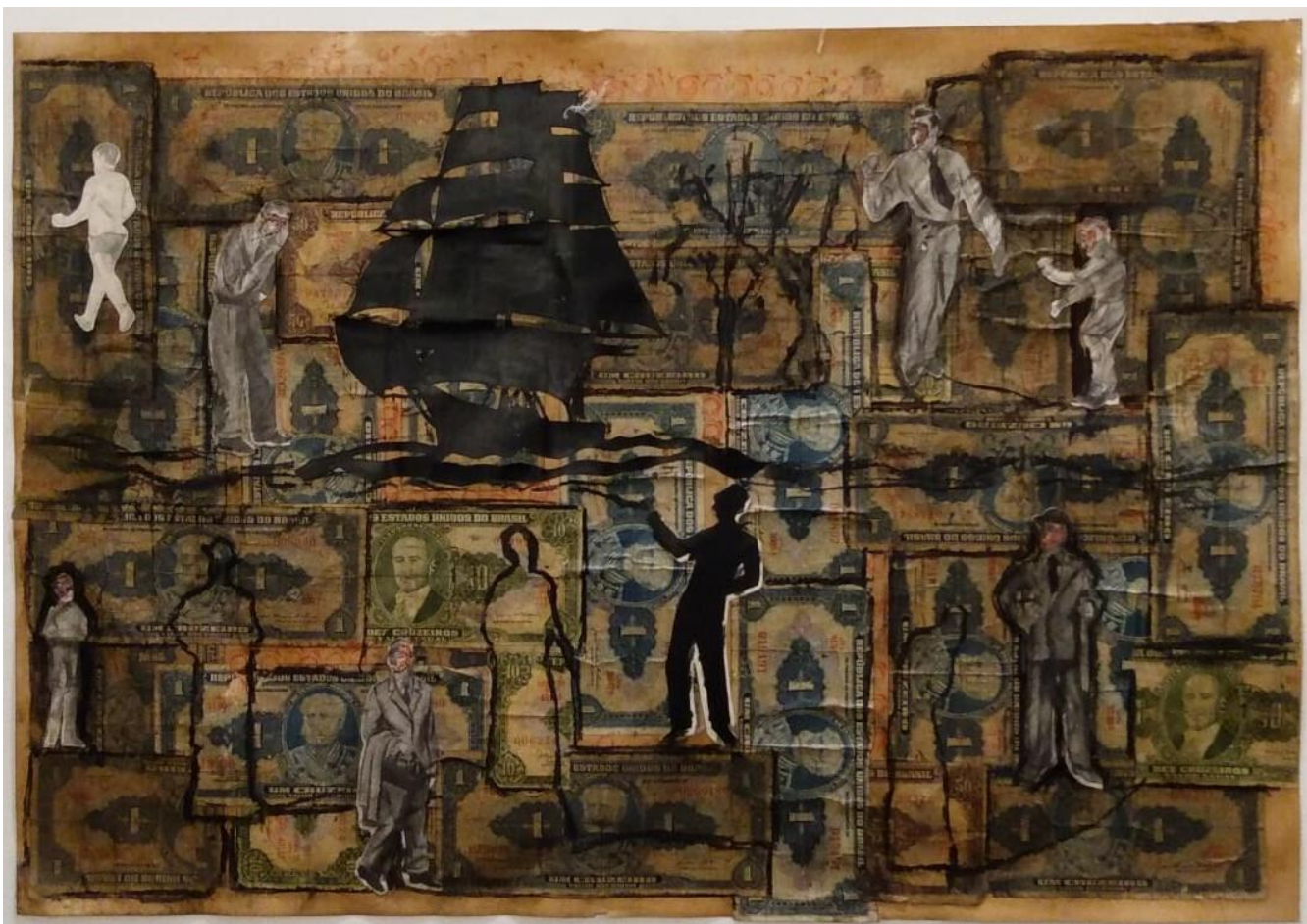
Pandemia Capital; fotografia digital impressão fine arts em papel algodão com tinta ecológica inkjet de pigmento mineral em base de água; tiragem 10; 60 x 54 cm; 2021

Miro PS



Exclusão social; gravura digital; tiragem 5; 39 x 40 cm; 2021

Nilton Pinho



Dinheiro e arte; assemblage e carvão s/ papel; 60 x 40 cm; 2021

Noemi Ribeiro



Moeda Bitcoin; digital composite sobre fotografias de Noemi Ribeiro em creative common, impressão em papel fine arts Canson algodão 100%; 50 x 40 cm; tiragem 1/5; 2021

Transformam o país num puteiro, e assim ganham mais dinheiro (Cazuza);

Pedro Grapiúna



Garras no dinheiro; técnica: ferro, tecido e madeira (reaproveitados); 32 x 19 x 19 cm; 2021

Ranieri Mazzilli

O Pensamento Selvagem

Capitalismo

(it's all right, it's all right...)

Capitalismo Selvagem

(oh, my God!)

- existe alguma coisa

mais selvagem do que

a civilização?

(Is there anything as

“civilized” as capitalism?)

Djin-Djin

vai mandar

cortar as tuas (duas)

mãos: extremidades do membro

superior que servem para

apossar-se de algo

Bão bá

Lá lão

senhor Kapitão

Espada na cinta

sinete (\$) na mão.

Regina Moura



Quanto custa?; técnica mista, impressão fine arts em canvas; 40 x 48 cm; 2021

qual o preço de cada um de nós?
o preço de nossos pensamentos, desejos, sonhos?
....dinheiro que nos habita

Roberta Salgado



Os Maias e o dinheiro; instalação: tecido artesanal de índios mexicanos, cerâmica mexicana, insumos vindos da natureza: o milho, o cacau, o sal e o chocolate usados como valor para suas transações comerciais (antes do dinheiro, de antes de Cristo); 130 x 100 cm aproximadamente; 2021

Roberto Negri



Lavagem de dinheiro; colagem fotográfica, impressão fine art; edição única; 30 x 42 cm; 2021

Robinson Oliveira



Conversa com Augusto Herkenhoff e Andy Warhol; 60 x 45 cm; 2020

Rosana Siqueira



A Preço de Banana; assemblage; 27 x 28 cm; 2021

Rosangela Soares Pinto



Célula Rara; fotografia (colagem casca de ovos e moeda de um real),
impressão fine art, tiragem 1/5; 30 x 33 cm; 2021

Rose Aguiar



Zero dinheiro, Dinheiro zerado; fotografia digital, impressão fine art em papel Hahnemuhle 290gr; 44 x 56 cm; tiragem 5; 2021

Rose Nobre



Picasso; acrílica s/tela; 64 x 34 cm; 2016

Picasso diz: "eu queria viver como um homem pobre, mas com muito dinheiro".

Rossana Gobbi



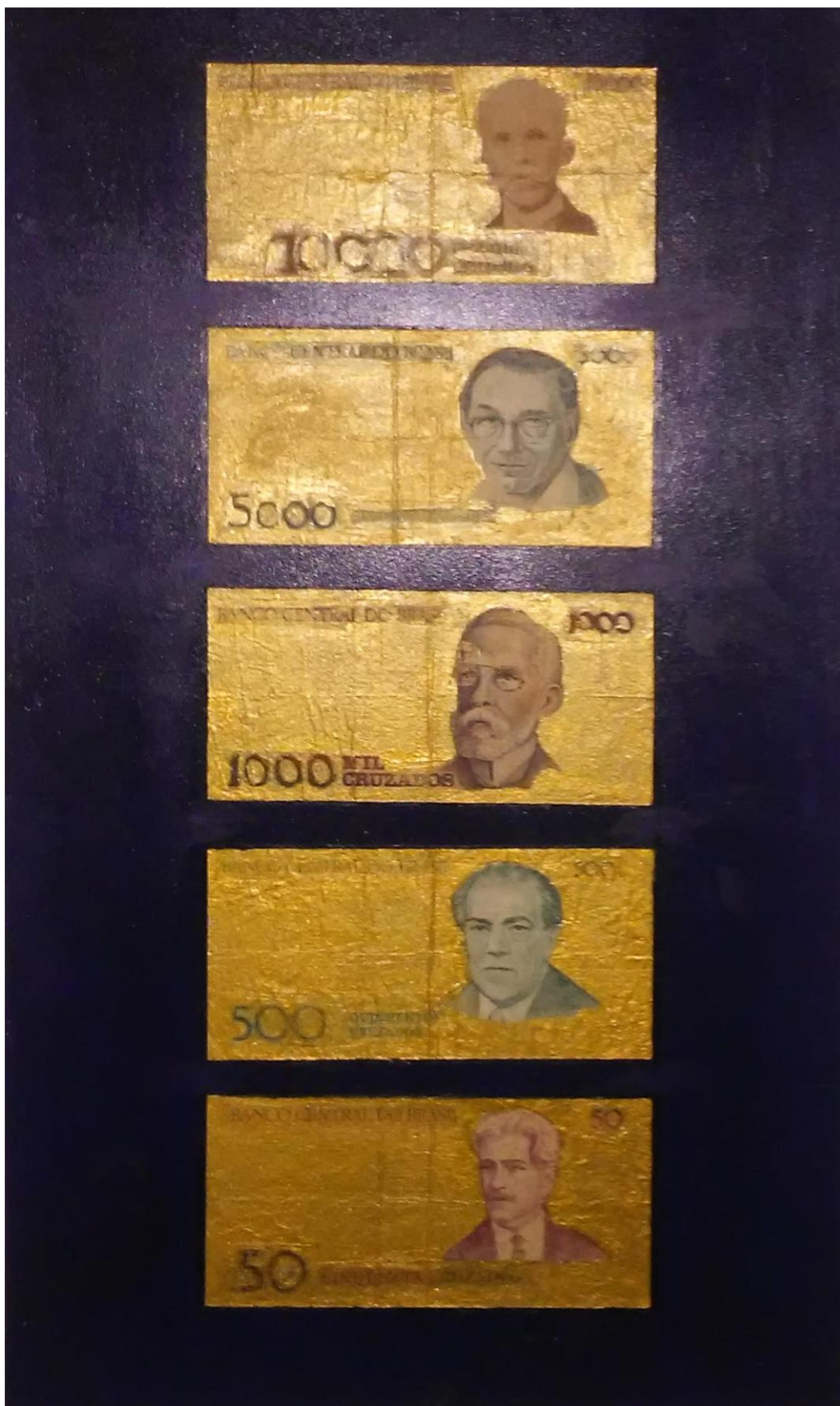
Come n' get it; fotografia com colagem silver tape e fotografia da colagem em papel studio enhanced 210 gsm - com moldura preta; tiragem 5; 60 x 40 cm; 2021

Ryam Paès



Nota Flechada; colagem e acrílica s/ papel; 12 x 23 cm; 2021

Salazar Figueiredo



Dinheiro dos tolos; cédulas de dinheiro antigas com acrílica texturizada em ouro e colagem s/ eucatex; 29,5 x 51,0 cm; 2021

Sandra Macedo

Isto é uma obra de arte

por 100 reais

Por cem reais; arte digital, impressão em papel Canson; tiragem 100; 21 x 29,7 cm; 2021

Sissi Kleuser



Cenário do tempo; acrílica s/ tela; 80 x 75 cm; 202

Sonia Xavier



Asas da Liberdade; instalação: suporte em metal, terra vermelha, ferro, cristais, moedas e cerâmica; 117 x 40 cm; 2021

Tania Andrade



Próspera; acrílica s/papel; 18 x 23 (sem moldura); 2021

Teresa Coelho



A Vista à vista; acrílica s/ Eucatex; 24 x 33 cm; Lausanne 1967- Rio de Janeiro 2021

Teresa Stengel



Quanto custam nossas vidas?; gravura em metal, colagem; edição única; 49,5 x 65 cm; 2021

Teresinha Mazzei



Real Nota de Dez Mil; fotografia e arte, impressão fine art; tiragem 10; 19 x 40 cm; 2021

Thelma Innecco



Dissimulação; argila, óxidos, esmalte; base: chapa galvanizada; 20 x 20 x 26 cm; 2021

Vania Pena C



Vale ouro!; folha de ouro e lápis de cor s/ nota de um cruzeiro; 6,7 x 14,8 cm;
2021

Vânia Vica



Juízo de “valor”; objeto/escultura: cabeça de boneca, nota de 1 dólar, caixa MDF; 50 x 37 x 14 cm; 2021; fotografia impressão fine arts em papel de fibra de algodão Canson Rag Photographique 310g; 42 x 30 cm; 2021

Vicente Duque Estrada



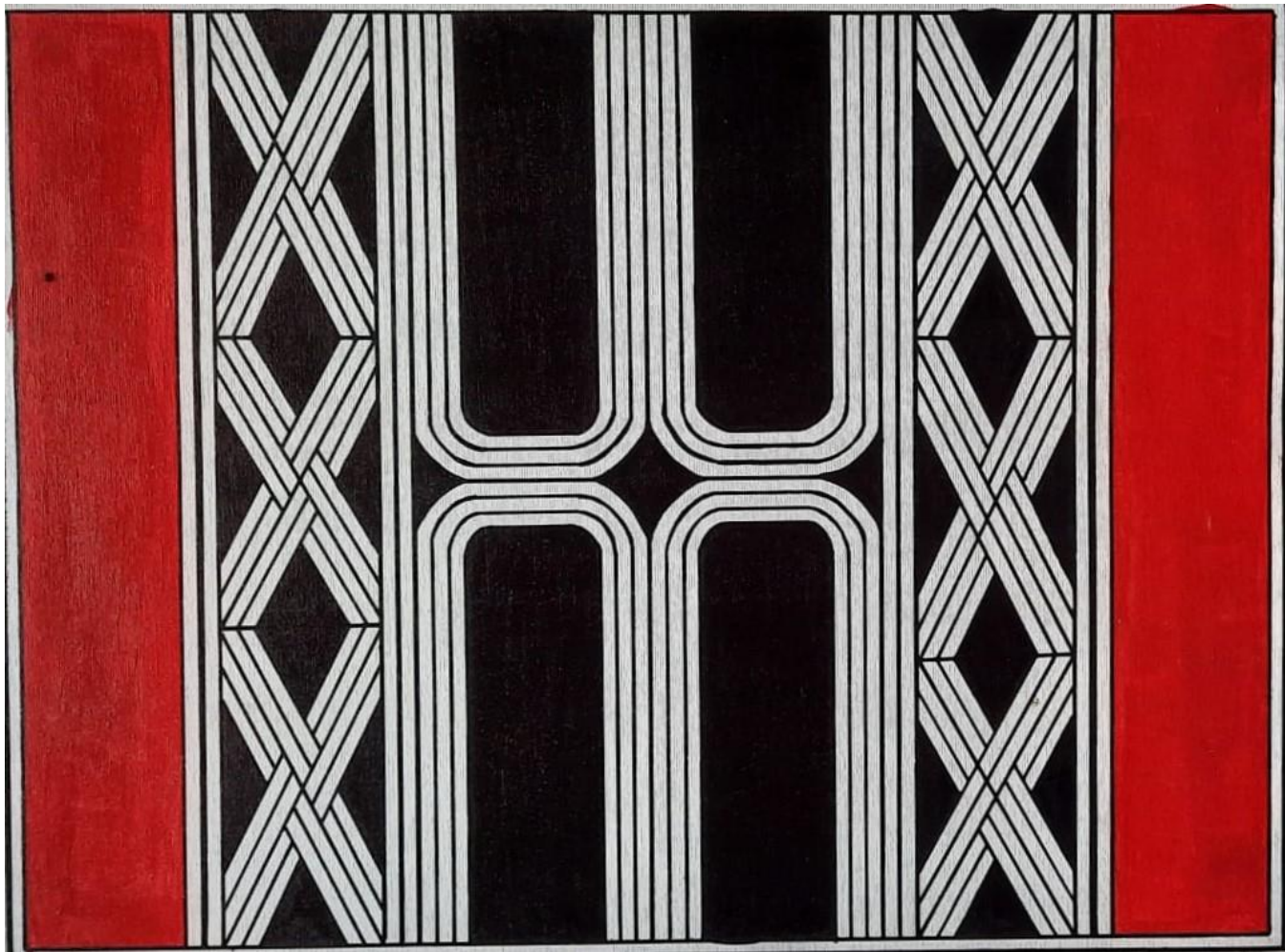
Sem real; colagem fotográfica digital impressa em papel original - obra única;
24 x 40 cm; 1990

Vilma Lima



Sem título; nota impressa, desenho com caneta e chama de vela; 29 x 13 cm;
2021

Wally K Amarü



Sem título acrílica e pigmentos s/tela; 30 x 40 cm; 2021

Zoravia Bettiol



Amazônia – Pujança e Cobiça; acrílica s/ tela; fotografia por Irene Santos; 200 x 300 cm; 1997